

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

JULIANO AMOM COSTA AMORIM

**A PLATAFORMA X E A CULTURA DO CANCELAMENTO NA PARTICIPAÇÃO
DE KAROL CONKÁ NO BIG BROTHER BRASIL 21**

SÃO LUÍS - MA

2025

JULIANO AMOM COSTA AMORIM

**A PLATAFORMA X E A CULTURA DO CANCELAMENTO NA PARTICIPAÇÃO
DE KAROL CONKÁ NO BIG BROTHER BRASIL 21**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social –
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, como parte
dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosinete de Jesus Silva Ferreira

SÃO LUÍS - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Amom Costa Amorim, Juliano.

A PLATAFORMA X E A CULTURA DO CANCELAMENTO NA
PARTICIPAÇÃO DE KAROL CONKÁ NO BIG BROTHER BRASIL 21 /
Juliano Amom Costa Amorim. - 2025.
73 p.

Orientador(a): Rosinete de Jesus Silva Ferreira.
Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2025.

1. Karol Conká. 2. Big Brother Brasil. 3. Cultura do
Cancelamento. 4. X (antigo Twitter). 5. Racismo. I. de
Jesus Silva Ferreira, Rosinete. II. Título.

JULIANO AMOM COSTA AMORIM

**A PLATAFORMA X E A CULTURA DO CANCELAMENTO NA PARTICIPAÇÃO
DE KAROL CONKÁ NO BIG BROTHER BRASIL 21**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social –
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, como parte
dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosinete de Jesus Silva Ferreira

Aprovada em 06 / 08 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Rosinete de Jesus Silva Ferreira (orientadora)

Pós-Doutora em Comunicação Social e Artes

Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr Ed Wilson Ferreira Araújo

Doutor em Comunicação Social

Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Ms.^a Natássia Fortes Braga Portela e Silva

Mestra em Psicologia

Centro Universitário do Maranhão

Para Caetano Veloso, por impregnar quase todo o meu modo de apreender a realidade, Lélia
Gonzalez, por ter-me desvelado, em suas palavras, as nuances do ser negro brasileiro e
Gilberto Braga, por flashes de amor, prazer e divertimento nas horas escuras de minha alma
em atordoo.

AGRADECIMENTOS

Sinto-me, com total franqueza, nova pessoa em minhas impressões; no meu gosto; na minha leitura de vida e realidade. Natural, até, já que o início, de fato, desta monografia se deu em 2023. São dois anos, portanto, e é mais do que justo que eu me veja outro, e, por essa razão, faça os agradecimentos de hoje, sobre hoje e para hoje. Sem deixar de mencionar a colocação de Proust, ao fim de *Em Busca do Tempo Perdido*, quando, sob o cansaço da jornada de escrever sete volumes, o próprio autor mencionou sequer ter ânimo, ou maiores prazeres, nos derradeiros textos. O fez porque era preciso. Eu também, modestamente, sinto-me assim e o farei nos parágrafos que aqui se adiantam.

Não há como começar a dizer qualquer coisa sem olhar para trás: falo de meu avô, a centelha primeira, Jequitibá-rei, soberano na terra da palavra. Em 1906, quando meu bisavô nasceu, a escravidão havia findado há menos de duas décadas.

Negros perambulavam, algures. Desvalidos, desorientados, tartamudos. Dele, um João, muitos filhos vieram. Meu avô, entre eles. João, que aprendera a ler e escrever à revelia do desprezo habitual à educação para negros, no Brasil de então, ensinou meu avô. Ambos, pela educação, salvaram-se. E a palavra espantou a fome, a violência – tão sempre à espreita – e a indesejada finitude precoce.

Ancestralidade, antes de tudo, é o reconhecimento dos pés e passos que nos palmilharam a senda. Dois pretos, antes, e muitos outros. Porque destes vieram os meus pais. Pretos, também. E meus pais, com brilho e beleza absolutos, conduzem o que é a vida em mim. Para eles, amor e misericórdia.

O sol, mais forte às 14h. Uma tarde inteira. E a solidão infante. A minha cabeça, a mil, cria em mundos: mundos muito meus. E as canções, desde então, largueavam horizontes. Assim, conheci melhor a mim e a tudo o que constitui o meu desejo pela vida. Eram e são, ainda, os Beatles e suas invenções geniais.

Por certo, as harmonias transcendentais da canção pop mineira – mais explicitamente nas músicas de Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e Flávio Venturini. A solidão apascentada, em Tim Bernardes. O fulgor, em Caetano Veloso. As frases de Odete Roitman. Tudo muito brasileiro e muito eu. À ficção, ao sonho e à música: agradeço-lhes.

Agradeço também aos meus amigos. Meu máximo amor a todos. João Pedro Teixeira é o compasso; a bruta-flor. A precisão astuta e sagaz reside no que ele é. Pela primeira vez, a partir desta amizade, senti, na vida, o que é ser cúmplice. Aprendi que, no amor, erra-se a todo

tempo. Às vezes, há mais o que calar e bem menos o que anuir. O amor, assim, fica à prova de rasuras.

Andreza Ramalho, minha prima, tem muitos tons entre o branco e o preto. Nossa amizade não nasce da óbvia relação genealógica. Como um desígnio, toda e qualquer diferença em nós, etária e individual, desintegrou-se. Vimo-nos muitas vezes acenando em concórdia, nos problemas e nas alegrias. Hoje, ainda mais. Que seja sempre assim.

Agradeço ainda ao meu amigo Paulo Vinicius, dupla neste périplo - e tantos anos depois - companheiro de muito mais que um copo e uma cruz - ainda que ambos não nos faltem. Um certo fastio me fez pedir a Deus uma nova amizade. Na curva final da graduação, sua parceria reavivou meu ânimo, já desbotado, após não conseguir estabelecer escudeiros ao longo do curso. Quem diria. A rota foi toda refeita. Amigos, admiradores, companheiros já não faltam.

Dois deles somaram-se à minha trajetória pessoal no decurso de minhas trágicas tentativas de defender esta monografia: Gabriel Jansen e Leonardo Alves Ferreira. Seria o destino este “feiticeiro gozador” a que se refere Rubel? Possível que seja. E quanto gozo, ai! Empresto a este espaço a colocação que fiz de Leonardo, tempos atrás. Sua abundância é como se Deus – eu, aqui, permitindo citá-lo num perfil de um notável ateu – soubesse que nada em seu ser é contenção. É tudo a mais: um riso, a mais; a euforia; a mais; o clima, a mais. O amor que é meu e de tantos. Somos não-monogâmicos.

Jansen, em contrapartida, tem consigo a contenção. Reconheço-me tanto em seu ser que já confidenciei, por diversas vezes, que se alguém tivesse que tomar conta dos meus pensamentos e travar na terra as lutas sobre as quais devoto crença, este alguém seria Jansen. E as suas músicas deixam isso mais claro. “Sigo seu itinerário, nos instantes, em cada horário” é tudo o que nunca disse. Com ele, agora eu posso dizer, também.

Juntos, eu, Paulo, Leonardo e Jansen somos a Sociedade do Copo: projeto que eu não me canso de reafirmar como sendo o “navio da civilização” jornalístico, correspondente às nossas ambições de trazer beleza ao cenário cultural desta ilha tão arrasada de esterilidade e “dinheirismo”, a doença da ignorância. A sabedoria popular sentencia, com razão: - só acaba quando termina.

Tenho o meu coração em mais outros dois lares: Terra, o mais novo dentre nós, cercado de seus muitos sonhos. Lealdade é a definição que lhe cabe. Que não me falte Terra. E que seja Terra mesmo esta definição do novo homem negro brasileiro que eu acredito tanto. E que não falte Caio, Caiozito, e sua fé nos outros. Quando falam em “o mundo é de brincar”, penso em Caio; na sua capacidade de encanto diante do prosaico, mesmo com tanta vileza,

achincalhe, ínguas sobre a pele da terra. Ele disserta o belo nas pétalas de sangue em nossas mãos. É preciso.

Saúdo ainda a memória terna de Fernando Moraes, meu tio. Seu chiste e sua destreza estão cerzidos no que acredito ser a maneira necessária de conduzir a vida adulta, sempre tão tempestiva. Pouco antes desta monografia ser publicada, estive em sua cidade natal, Caxias, lugar de origem de nossa família. Ver a nossa casa; ver cada átimo daquele lugar, foi conferir o tempo e seu ciclo majestático, silente e bruto. Ter saudade, mas não deixar de notar que os ânimos se renovam, e que a vida é mesmo o fluxo e o influxo de coisas que se esvaem e se revigoram. Movimento.

Agradeço também, neste trabalho, a minha amiga e ex-namorada, Júlia Resende. Sua justeza e expertise são fortes demais em mim. Todo o seu talento e forma de conduzir a vida são demonstrações de coragem. A partir do convívio que estabelecemos, uma novidade em perspectiva se anunciou.

Com suas cobranças, tão cheias de delicadeza, vi-me corajoso o suficiente para seguir minha trajetória nesta graduação. Muitos de nossos já longínquos dias juntos constituíram parte deste trabalho. Leio seu nome, onde quer que vá, e “sodade, sodade” vem. Saúdo-a e agradeço-lhe, mencionando ainda, rápida e afetuosamente, as gatinhas, Céu e Gal, pelo companheirismo e doçura. Dei-lhes os nomes. Elas, muito mais que isso.

Reservo o parágrafo final para minha amiga, Isadora Guimarães. Força que se abateu em meu peito quando pensei não ter mais nada a dar. Luminosa voz da minha consciência aturdida pela impressão de que nada jamais daria certo. Vento de boa nova; fíga de trazer sorte para a vida, na curva da curva da curva. O lírio sobre a senda. Rosa primeira; voz do mar. Remanso em que me vi e vejo. E tanto mais verão nossos olhos, se nos aprouver o longo caminho que espero.

Meus amigos, meus amores, minha gente. Minha palavra e a minha vida estão encharcadas de vocês. Luz por sobre nós, ói.

Can't you hear me?
I'm not comin' home
Do you understand?
I've changed my plans
'Cause I, I'm in love
With my future
Can't wait to meet her

(Billie Eilish)

traz a lamparina
ilumina, por favor,
que eu quero saber a cor
da minha sina

(Sergio Habibe)

RESUMO

Este trabalho, denominado, *"A Plataforma X e a Cultura do Cancelamento na Participação de Karol Conká no Big Brother Brasil 21"*, se destina a investigar como a cultura do cancelamento se manifestou na rede social X, ao longo da participação da artista Karol Conká no programa Big Brother Brasil 21. Justifica-se a pesquisa a partir da forma como o cancelamento se desdobra no domínio das redes sociais, bem como seus impactos à coletividade, em particular à população negra, que convive, historicamente, no Brasil, com episódios relacionados à violências, como exclusões - social e econômica - e silenciamentos. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, nos termos da análise de conteúdo conceituada por Laurence Bardin (1977), a partir de seis posts catalogados na plataforma X, entre os dias 1º de fevereiro - data de uma discussão, envolvendo Conká, de grande repercussão nas redes sociais - a 25 de fevereiro, período que antecedeu a saída da integrante do programa. Além dos posts, foram utilizadas notícias veiculadas na imprensa para contextualizar o episódio, situando-as a uma delimitação cronológica concernente aos fatos reportados na ocasião. Quanto aos resultados, esta monografia apresenta o cancelamento de Karol Conká na plataforma X como uma manifestação cercada por contundência, dentre prejuízos de ordem econômica e profissional à artista, como ações de boicote e perda de contratos, que, por sua vez, culminaram em uma situação na qual os limites entre o entretenimento e o mundo real foram confundidos, senão transpassados. Esta monografia ainda indica a existência de fatores de cunho racial e de gênero - mas sobretudo racial - como potencializadores do cancelamento sofrido por Conká, observando como retrospecto a condição de negação do outro - um dos pilares do cancelamento - associada ao histórico sociocultural de depreciações e gestos violentos no modo como os negros, e, mais especificamente, as mulheres negras foram e ainda são tratados no Brasil.

Palavras-chaves: Karol Conká. Big Brother Brasil. Cultura do Cancelamento. X (antigo Twitter). Racismo.

ABSTRACT

This work, titled "The X Platform and the Cancel Culture in Karol Conká's Participation in Big Brother Brasil 21," aims to analyze how cancel culture manifested on the social network X during the participation of the artist Karol Conká in the Big Brother Brasil 21 program. The research is how cancel culture emerges in the domain of social networks, as well as its impacts on the collective, particularly on the Black population, which historically coexists in Brazil with episodes related to violence, such as social and economic exclusions, and silencing. The methodology employed is a qualitative approach, in terms of content analysis conceptualized by Laurence Bardin (1977), based on six posts cataloged on the X platform, between February 1st and February 25th. In addition to the posts, news reports from the press were used to contextualize the episode, placing them within a chronological delimitation concerning the facts reported at the time. Regarding the results, this monograph presents Karol Conká's cancellation on the X platform as a manifestation surrounded by excess, including economic and professional losses for the artist, such as boycott actions and loss of contracts, which, in turn, culminated in a situation where the boundaries between entertainment and the real world were blurred, if not overstepped. This monograph also indicates the existence of racial and gender factors – but especially racial – as potentiators of the cancellation suffered by Conká, observing as a retrospect the condition of denying the other – one of the pillars of cancellation – associated with the sociocultural history of depreciation and violent acts in how Black people, and, more specifically, Black women, have been and still are treated in Brazil.

Key-words: Karol Conká. Big Brother Brasil. Cancel culture. X (formerly Twitter). Racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.CULTURA DO CANCELAMENTO: CONCEITO, ORIGENS E IMPACTOS EM SOCIEDADE	16
2. MÍDIAS SOCIAIS: A PLATAFORMA X	23
3. REALITY SHOWS E A PARTICIPAÇÃO DE KAROL CONKÁ NO BIG BROTHER BRASIL	31
3.1 Quem é Karol Conká?	31
3.2 Reality shows: uma definição	32
3.3 Origens dos reality shows na televisão brasileira	33
3.4 Big Brother Brasil: um fenômeno dentre os reality shows	35
3.5 Karol Conká: o tombo em “praça pública”	38
4. METODOLOGIA	43
4.1 Abordagem metodológica	43
4.2 Corpus da pesquisa	44
4.3 Critérios de seleção	45
4.4 Procedimentos de análise	47
4.5 Validade e confiabilidade	48
4.6 Ética da Pesquisa	49
5. ENTENDENDO O CANCELAMENTO DE KAROL CONKÁ NA REDE SOCIAL X 50	
6 O RACISMO À ESPREITA	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Ardia a tarde de domingo, 16 de julho de 1950. Estandartes hasteados, o estampido dos fogos cintilantes sobre a amaralina azul dos céus, em trégua ao frio do mês anterior, no Rio de Janeiro. Nos alambrados, crianças, velhos, todo um país à sorte do escrete brasileiro, trajado de branco, no derradeiro jogo da Copa do Mundo, a primeira após os horrores da Segunda Grande Guerra. O entusiasmo da partida transpunha-se à mera possibilidade de o Brasil, pela primeira vez, sagrar-se o campeão do torneio.

Havia-se a felicidade de ser, cá destas terras, anfitriã de um evento com relevância e proporções internacionais. Mais: de se haver o revés à tristeza e ao esquecimento com os quais os brasileiros a si se viam, naqueles idos, e que se poderia constatar, por exemplo, na dureza dos sambas-canção entoados por nomes como Orlando Silva, Sílvio Caldas e Nelson Gonçalves, que enchiam de lamúrias as rádios, ao norte e ao sul, bem como na elementar - e fartamente documentada - impressão de que, nesta terra de grandes dimensões, na América do Sul; nos “Tristes Trópicos” - como o antropólogo Lévi-Strauss veio a cunhar o Brasil, através de um dos seus livros -, não se poderia vencer. Nem dar certo.

A partida entre a seleção brasileira e a seleção uruguaia, luziam, ao país, esperanças em muitas direções. Não fosse o infortúnio de a multidão assistir, arrasada, aos uruguaios triunfarem sobre a malta nacional, em um impiedoso placar de 2x1, que deixou silente e atordado o estádio Maracanã, das grandes e efusivas multidões. À derrota, a crítica esportiva e a opinião pública atribuíram, sim, o principal responsável: Barbosa, o goleiro brasileiro. Ou melhor, o goleiro negro brasileiro.

Coube a Barbosa lidar, ao longo de anos, com o estigma de ser o algoz da repressão à alegria vertida em vergonha por ter-se escapado o troféu da Copa do Mundo. Pouco adiantou que, naquele período histórico, o goleiro colecionasse títulos e grandes atuações por seu clube, o Vasco da Gama. Nem mesmo que o mau desempenho da equipe não pudesse resumir-se a uma só pessoa. A infelicidade do gol marcado pelo uruguaio Ghiggia acompanhou o jogador até o fim dos dias, sem reparos em jus ao seu legado como desportista.

A trajetória de Barbosa, o ostracismo que o acompanhou em vida e o estigma decorrente de sua atuação - presente, por exemplo, no fato de a seleção brasileira ter, ao longo de 56 anos, evitado escalar, de forma titular, goleiros negros para a Copa - desaguam em um caminho analítico turbulento, de represálias, acusações e condutas discriminatórias, com as quais personalidades negras, da vida cultural e do entretenimento brasileiros, viram-se acossados.

O episódio envolvendo Barbosa e a seleção é uma das mais emblemáticas demonstrações de que “profissão, gênero, classe [...] desaparecem quando entra em jogo o fator negro”, (CARNEIRO, 2023, p.109). Ou seja, tudo o mais relacionado à subjetividade decresce ante ao dado de que a cor negra significa, em uma estrutura social solapada por fundamentos racistas, o centro de todos os males, do caráter à incompetência profissional.

Mencionar o caso Barbosa, nos domínios da introdução desta monografia, em princípio, é apenas um modo de trazer ao leitor a compreensão da forma como o racismo, a exclusão e o julgo discrepante, alheio à minúcias, em se tratando de homens e mulheres negros brasileiros, encontram-se, noutros períodos históricos da vida nacional.

O cancelamento, objetivamente, está vinculado a um momento no qual as redes sociais adquiriram força nas interações humanas, nas últimas décadas, sendo definido como “uma onda que leva as pessoas a aplicarem sanções sociais em resposta a um caso emblemático que as desagradam” (Pereira et al. 2023, p.4). Esta onda, a modo de exemplo, se converte em atos como boicotes, manifestos organizados, dentre outros recursos de mobilização capazes de influenciar a vida pública, a opinião popular e, ainda, a trajetória profissional de indivíduos com expressão e notoriedade.

Em particular aos indivíduos negros, histórica e culturalmente vítimas por preconceitos, os contornos adquiridos pela cultura do cancelamento se desdobram em uma realidade de conflitos, belicosa e exasperante, definido por Almeida (2019) como um estado social no qual a desigualdade, em termos raciais, se espraia em áreas diversas, como o cotidiano, o modo como são forjadas as políticas de Estado e a própria divisão dos recursos econômicos.

A cultura do cancelamento, por essa razão, quando endereçada aos indivíduos negros, pode imiscuir-se ao léxico de desfavorecimentos e ações discriminatórias com os quais os homens e mulheres negros se veem habituados. É impreciso os limites entre a indignação ou o repúdio; a reprovação ou condenação; a crítica ou acusação.

Um panorama deste trabalho pode ser dado a partir do que Djamila Ribeiro (2020) afirma, ao considerar necessário “aprofundar o que se pensa sobre cancelamento”, porque as disputas de poder decorrentes destes confrontos ganham mais intensidade “quando o alvo for uma pessoa negra”.

Lançar luz sobre a temática das redes sociais, do racismo e da cultura do cancelamento salienta o propósito de agregar ao debate contemporâneo, nos termos científicos, uma reflexão atenta à emergência e a relevância acerca do que o cancelamento pode produzir, sobretudo no contexto de enfoque racial, basilar neste trabalho de conclusão

de curso, intitulado “*A Plataforma X e a Cultura do Cancelamento na Participação de Karol Conká no Big Brother Brasil 21*”.

Esta é, portanto, a centelha que ocupa o centro desta pesquisa, que visa entender o modo como as redes sociais - em particular o X, objeto delimitado desta análise - difundem e ampliam as repercussões derivadas da cultura do cancelamento

Mais ainda: de investigarmos a forma como o cancelamento traz riscos aos indivíduos, incluindo as possibilidades de “seguidores, clientes, parcerias, patrocínios, contratos, exclusão social” (Pereira et al, 2023, p.5), passíveis de serem convertidos, de acordo com os autores, em crimes como calúnia ou linchamento moral.

Em termos individuais e pessoais, a análise da mídia perante a cultura do cancelamento e observação da questão racial, ilustram dois eixos de estímulos às nossas preocupações como profissionais e cidadãos.

A justificativa definida ao longo da investigação apresentada neste trabalho se assenta na atualidade das discussões que o tema enseja. Com as redes sociais estabelecidas na vida social, qualquer indivíduo pode se ver apeado por canceladores, em qualquer circunstância. A discussão sobre o cancelamento também figura no léxico popular e ocupa debates em portais jornalísticos, fóruns de discussão e, mesmo, no mundo jurídico, onde o tema também inspira cautela.

O objetivo geral deste trabalho, por sua vez, é pontuar uma reflexão acerca do modo como a cultura do cancelamento se fortificou na rede social X, a ponto de potencializar questões referentes à participação da cantora Karol Conká no programa Big Brother Brasil.

Já os objetivos específicos se constituem de três etapas: a contextualização da cultura do cancelamento, com a sua cronologia; mudanças de definição, a partir das transições tecnológicas envolvendo as redes sociais e implicações na cultura, no entretenimento e na política; a apresentação da rede social X (antigo *twitter*), uma dos mais importantes espaços virtuais contemporâneos, e uma investigação do modo como esta plataforma influi na ordem social; o caso envolvendo Karol Conká, especificamente, com seus meandros, elementos anteriores e ulteriores e o contexto no qual o episódio ocorreu, no decurso de um programa de televisão pertencente ao gênero *reality show*, sob nossa análise nesta etapa.

Para o objetivo geral e cada um dos objetivos específicos enumerados, autores como Alessandro Ferreira da Silva (nos tópicos relacionados à cultura do cancelamento, propriamente), Raquel Recuero e Gabriela Zago (em assuntos ligados ao X e às redes sociais), Fábio Palácio de Azevedo, Cecília Leite e Sueli Carneiro (nos temas vinculados ao contexto do caso Conká, de reality shows à questão racial e de gênero) somam-se à parte das

referências bibliográficas que compõem esta monografia. Lúcia Santaella e Laurence Bardin representam, por outro lado, o esteio metodológico e científico no qual este trabalho se ancora, sendo a análise de conteúdo, em caráter qualitativo - a partir da análise de seis posts coletados na rede social X -, o processo de investigação e aferição das proposições que cercam o presente estudo.

A construção do trabalho, ao longo de sua estruturação em seis partes, retrata os principais objetivos específicos norteadores desta monografia: o primeiro deles, neste caso, está situado na forma de uma contextualização histórica do cancelamento, com literatura detalhando a sua origem e o seu desenvolvimento como conceito.

Em sua segunda parte, a monografia se debruça sobre a história, o desenvolvimento e os recursos presentes na rede social X, bem como a sua influência no mundo contemporâneo; da política ao entretenimento.

Na terceira etapa, descrevemos brevemente a trajetória de Karol Conká, de modo a contextualizá-la, como indivíduo, ao leitor deste trabalho, estabelecendo também o contexto do Big Brother Brasil, programa no qual a polêmica que deu início ao cancelamento; reality show cuja história e composição audiovisual também são esmiuçados nesta seção.

Em seguida, o capítulo destinado à metodologia detalha as etapas e critérios científicos que embasam a análise de conteúdo a ser realizada. No quinto capítulo, os *tweets* escolhidos para a análise de conteúdo foram armazenados - agrupados, em princípio, em uma tabela que esmiúça cada uma das categorias escolhidas para análise, descritas e trabalhadas.

Ao cabo, as sequências de informações aqui reunidas têm sua conclusão ao serem interseccionados os temas racismo e cancelamento, o mote central deste estudo. Aqui, analisamos e pontuamos a forma como cada um dos elementos principais destes dois temas se relacionam e repercutem dentre os resultados, nos quais pudemos observar, sim, que a relação entre a questão racial e a cultura do cancelamento, no caso Karol Conká, alcançaram uma zona híbrida na qual os componentes de gênero e raça se agregaram ao modo como o cancelamento da artista se estabeleceu na ocasião.

Tacitamente, já se pode, inclusive, acompanhar o modo como cada um dos temas basilares desta monografia (cancelamento, redes sociais e questões sociopolíticas e culturais) a partir do nosso primeiro capítulo (*Cultura do cancelamento: conceito, origens e impactos em sociedade*).

1.CULTURA DO CANCELAMENTO: CONCEITO, ORIGENS E IMPACTOS EM SOCIEDADE

O agrupamento dos métodos que constituem o processo a que pretendemos avaliar histórica e conceitualmente neste capítulo, definido como cultura do cancelamento, é diversificado ao manifestar-se na estrutura social. A cultura do cancelamento pode ser entendida como um conjunto de práticas estabelecidas a fim de “expor um fato, geralmente por meio de alguma rede social e, em seguida, a depender de uma reação negativa das massas, o indivíduo ser rechaçado por esse público” (SILVA, 2021, p.95). Estas informações, por sua vez, tornam-se prejudiciais aos indivíduos sob escrutínio, acarretando reações negativas em âmbito público.

Dessa forma, os atos decorrentes do cancelamento têm amplo alcance, estendendo-se a indivíduos, grupos e, até mesmo, instituições. Ainda de acordo com Silva (2021), as reações derivadas do incômodo sugerido por posicionamentos ou declarações considerados inadequados, repulsivos ou de hostilidade flagrante são alguns dos principais elementos reconhecidos por instigar na audiência o ímpeto por um debate veemente, com ações destinadas a dificultar ou, mesmo, impossibilitar manifestações que venham a ser consideradas controversas.

A denúncia, contudo, sendo uma das características principais do cancelamento, não é elemento isolado, meramente punitivo, destinado a consolidar um pretenso conjunto de “boas maneiras” no ambiente das redes sociais, a partir de critérios subjetivos de uma parcela dos seus usuários. Conforme explicitado por Pereira et al. (2023), a emergência de um contexto no qual as relações humanas passaram a ser inseridas e mediadas por um ecossistema digital, nas últimas décadas, propiciou a rearticulação de padrões, perfis e demandas sociais.

Nessa circunstância que um conjunto de preferências, identidades, matizes estéticas e desejos puderam ganhar força em comunidade. É a partir da tensão entre valores com inclinações homogeneizantes e concepções mais pluralistas - no que diz respeito à autonomia no comportamento dos indivíduos - que temas como o “racismo, homofobia e intolerância religiosa ganham visibilidade, provocando debates e manifestações nas redes sociais” (Pereira *et al.*, 2023, p. 3). ”.

Desse modo, o questionamento às estruturas e discursos sociais associados às restrições de pluralidade e à manutenção de signos e discursos considerados explícitos ou sugestivamente preconceituosos, são, para os autores, as fagulhas impulsionadoras para que

seja possível compreender o cancelamento. Em consonância com esta conceituação, o jornalista Miguel Lago (2020), em seu artigo “Derrubem as Estátuas” na Revista Piauí, também atribui à gênese do cancelamento uma mudança na correlação de forças, em estrutura social, espelhada no contexto de espaços online.

A modo de exemplo, o autor destaca as circunstâncias havidas no nascedouro da expressão “cancelamento”, originalmente vinculada aos acontecimentos de grande repercussão na imprensa dos Estados Unidos - dentre os quais se destaca o movimento “Me Too”, a ser delineado nos parágrafos seguintes deste estudo.

A conotação política da expressão se tornou ainda maior após ser aderida e largamente utilizada pela comunidade de pessoas negras, na rede social X, na intenção de trazer visibilidade, incitar debates e, até mesmo, “cancelar” colocações, gestos e expressões passíveis de serem interpretados como racismo.

Lago (2020), portanto, atribui ao aspecto de denúncia que a palavra “cancelamento” absorveu - conforme a sua utilização por grupos sociais em posição de desvantagem no debate público -, a possibilidade de ruptura e alargamento do ambiente para discussões em âmbito público, favorecendo, a seu turno, a ascensão de “novas vozes, novas perspectivas e novas visões”.

Muito embora seja possível identificar, histórica e teoricamente, a presença de aspectos combativos e denunciastas na cultura do cancelamento, tal expressão resulta não apenas de um chamado à defesa por uma responsabilização do outro - em casos de posições ou discursos possivelmente inadequados -, mas, antes de tudo, lança luz sobre o mal-estar resultante da fricção entre discursos no debate público, apresentando o dissenso não mais como força paralela, de baixa tração. Pelo contrário: nos embates que há entre demandas incitadas pelos núcleos mais distintos, o dissenso é um elemento tão estável quanto permanente.

Estas miríades de colocações, em espectros tão vastos, a seu turno, realçam a impossibilidade de se ignorar as contradições da cultura do cancelamento. Ainda que seja possível observar, nesta prática, uma forma de resistência à submissão de ideias, sentimentos, além de um modo de rejeição a modelos considerados convencionais - em assuntos como moda, família e comportamentos -, não é possível desprezar, por sua vez, eventuais excessos e ímpetos para punições desproporcionais aos indivíduos porventura atingidos pelo “linchamento” em módulo virtual - ou seja, o cancelamento.

Na direção do que há de incongruências na cultura do cancelamento, Paz, Reis e Moço (2022) avaliam que, embora o fenômeno tenha podido, por meio de discussões,

instigar o exercício do contraditório - em uma etapa de oposição a valores e hábitos outrora normalizados -, o mesmo sofreu frente às dinâmicas muito próprias - e, até certo ponto, imprevisíveis - do mundo virtual, cuja intensidade habilitou, por exemplo, o empenho em iniciativas destinadas a calar e obscurecer indivíduos, através de agrupamentos de contas dos usuários, ataques coordenados a perfis, vazamentos, entre outros expedientes.

Para que seja possível entender os fluxos e influxos envolvendo a cultura do cancelamento, faz-se necessário entendê-la por meio de suas origens. Cabe dizer, primeiramente, que não há uma localização histórica precisa de quando a cultura do cancelamento foi assim alcunhada. Há pistas, no entanto, de episódios que concorreram para a concepção das práticas conjuntas que resultaram nesta denominação.

Pereira *et al.* (2023) atribui, como um dos acontecimentos-chave para a consecução do cancelamento tal como conhecemos, o movimento *#MeToo* (Eu Também, em tradução livre), ocorrido na segunda metade dos anos 2010, nos Estados Unidos. Na ocasião, figuras ligadas à indústria cinematográfica se organizaram e expuseram, por meio das redes sociais — em especial o X (antigo *twitter*) — casos de abuso sexual e assédio moral ocorridos durante a produção e filmagens de longas-mentragens, em Hollywood.

Por ocasião do *#MeToo*, o cancelamento, em sua primeira fase, apresentou-se como um movimento de combate à injustiças, revelando também certa disposição, por parte das vítimas, em encarar “estruturas opressoras de poder, a exemplo do machismo, racismo e discriminação” (Pereira *et al.*, 2023, p. 4), lançando mão da exposição, sobretudo por meio das redes sociais, de modo a mobilizar pessoas e conscientizá-las, e, mais ainda, como instrumento para vocalização de um histórico de opressões que, àquela altura, talvez não tivessem nem a celeridade, tampouco o empenho necessários para resoluções nos termos institucionais, dada a anuência e as influências financeiras e de prestígios, em uma estrutura desigual de poder entre os abusadores e os indivíduos prejudicados.

Os efeitos dos cancelamentos provocados pelo *#MeToo*, em princípio circunscritos à indústria cinematográfica, se deslocaram para outras esferas do entretenimento e alcançaram estruturas de poder em outras realidades em todo o mundo.

No Brasil, embora a organização não governamental (ONG) *#MeToo* Brasil tenha sido formalmente criada apenas em 2019, destinada ao registro e denúncia de casos de violência sexual contra mulheres, aspectos do movimento, nas redes sociais, já estavam sendo vistos no país mesmo em 2017, em paralelo às denúncias ocorridas nos Estados Unidos.

Um caso de cancelamento emblemático, em termos similares aos episódios que

seriam observados nas denúncias de abuso e assédio sexuais e morais no *show business* norte-americano envolveu o ator José Mayer, no ano de 2017, à época funcionário da Rede Globo, acusado de praticar assédio sexual com uma figurinista, no próprio local de trabalho. O desdobramento das indignações acerca do caso resultou, além de represálias e debates em redes sociais, manifestações de atrizes, atores e outros profissionais ligados ao audiovisual brasileiro.

Estas movimentações, aliás, deram-se, através da publicação de frases como “Mexeu com uma, mexeu com todas” e por meio de *hashtags*, na rede social X (antigo twitter), com a frase “chega de assédio” (Figura 1).

Figura 1 - Imagem das atrizes Drica Moraes, Luisa Arraes, Tainá Muller, Cissa Guimarães e Alice Wegman, junto a jornalista Astrid Fontenelle, em protesto contra o assédio no mundo audiovisual brasileiro.



Fonte: Portal G1 com imagens de redes sociais

Na figura 1, vê-se explícita, pois, no agrupamento destas personalidades, a ação coletiva como um dos artifícios a que dispõe a cultura do cancelamento, quando de sua origem, resultando, paralelamente, em agregações nas redes sociais, mas não só, posto que extralimitava-se ao estender a discussão à opinião pública.

O cancelamento, na nesta circunstância, interpõe-se ao conceito proposto por Recuero e Zago (2009) acerca de capital social, em um contexto no qual perfis com prestígio e impacto - mais especificamente na rede social X, objeto de análise das autoras e uma das principais

categorias em análise nesta monografia - se manifestam de modo contrário às posições e atitudes de um determinado indivíduo ou instituição.

Ambas as frases — “chega de assédio” e “mexeu com uma, mexeu com todas” — funcionaram como modo de aplicação à realidade brasileira dos mesmos expedientes com os quais o #MeToo já havia incitado nos EUA um novo modo de exercício coletivo de repúdio às práticas de outros indivíduos consideradas socialmente repulsivas, demarcada, neste caso — e, de um modo incontestado, na cultura do cancelamento tal como a definimos .

O fim dos anos 2010 e o início dos anos 2020 representaram o período de consolidação da cultura do cancelamento, no que tange à sua investigação teórica e crítica — nos meios acadêmicos — e na cultura geral.

Este intervalo entre décadas também nuaçou algumas das incongruências relacionadas ao cancelamento e suas práticas. Se, quando do surgimento de movimentos como o #MeToo, o ato de “cancelar” estava relacionado a uma dimensão de poder, pessoas e influências na esfera das celebridades, isso progressivamente foi mudando, com a figura do “cancelador” e do “cancelado” surgindo em níveis e contextos mais diversos.

Em 2021, foi paradigmática, por exemplo, na experiência brasileira, o episódio envolvendo a participação de Karol Conká no *Big Brother Brasil*. O caso, não por coincidência o tema desta monografia, revolve uma mudança de sintomas e métodos na cultura do cancelamento..

Se no fim dos anos 2010, os protestos envolvendo o ator José Mayer mobilizaram pessoas em nome da gravidade com a qual o assédio parecia grassar — sem constrangimentos, em um ambiente profissional — a contenda na qual Conká esteve envolvida, relacionada às atribuições do seu comportamento, na atração, vistos como repulsivos ou constrangedoras, indicou sinais de indignação ocasionados não por ilicitudes, e, sim, pela euforia e pelos excessos com os quais o público se relacionou com um dos programas mais vistos da televisão, no país.

Vale dizer que estes mesmos excessos não se encerraram, em si próprios, a partir do que fora exibido de Karol para audiência, mas, acima de tudo, apontam na direção dos contrassensos com os quais a cultura do cancelamento viu o seu revés, de um mecanismo possível para a contestação da intolerância , de modo a ela mesma tornar-se um dos eixos nos quais o sectarismo pode se revelar.

E não só: o que há de deletério no cancelamento se explicita na esfera da mobilização, em ambiente virtual, que, a seu turno, repercute em situações como a “ perda de seguidores,

clientes, parcerias, patrocínios, contratos, exclusão social” (Pereira *et al.*, 2023, p. 5).

Já no início dos anos 2020, os extremos observáveis na cultura do cancelamento a conduziram ao seu ponto de inflexão. As desproporcionalidades aparentes — em ocasiões como a da supramencionada Karol Conká, mas não só — suscitam atenção a problemas sérios como a saúde mental, as noções de justiça, liberdade de expressão e, por que não dizer, questões raciais e de gênero.

Excluindo-se a possibilidade de qualificar o debate acerca desses temas, quando o cancelamento os lança à luz, pode-se incorrer na possibilidade descrita por Lima (2020), em artigo assinado para o jornal Folha de São Paulo, de o cancelamento vir a propiciar a quem o faz a sensação de impunidade; de estar-se acima de responsabilizações ou culpas.

Desse modo, as formas de ação exercidas pelos “canceladores”, ignoram implicações sérias e põem em descrença o contraditório como o fiel da balança nas relações humanas. No que diz respeito à discussão pública, a razoabilidade pode desvanecer, sem espaço às nuances. Na dimensão política, pode-se considerar até a desvirtuação do Inciso LVII, art. 5º, da Constituição Federal brasileira, que visa garantir a inviolabilidade de direitos como a liberdade e igualdade.

Não é por acaso que, atento a esta problemática, Almeida (2020) tenha sintetizado a cultura do cancelamento como “a antipolítica por excelência” dissituada, segundo ele, de um salutar confronto de ideias, convertendo-se em resistência à validação de outras perspectivas, e sendo, pois, incompatível com o que é desejável em um modelo de sociedade que se reserve, acima de tudo, os preceitos democráticos.

Alinhados a esta perspectiva, Paz; Reis; Moço (2022) frisam que a cultura do cancelamento, com a supressão das discussões, é um modo de retrocesso, posto que, sem a liberdade de exposição do pensamento, pode-se, no fim das contas, incorrer na interdição do outro como um agente de reflexões autônomas, à semelhança de períodos históricos nos quais as liberdades civis sequer eram direitos fundamentais, como na era absolutista. entre os séculos XVI e XVIII.

A alusão dos autores, neste caso, a um período histórico pré-iluminista, ou seja, o absolutismo, pregresso ao período de consolidação de preceitos ditos, hoje, inalienáveis, como o exercício da razão, mas sobretudo da conquista das garantias individuais — é uma forma de qualificar o cancelamento como sendo o jardim no qual a equidade e a moderação fenecem. Um quantitativo substancial do que há de desvario no cancelamento é o fato de a sua execução se dar no terreno das redes sociais.

Paz; Reis e Moço (2022), ao analisarem a influência das mídias digitais na cultura do

cancelamento, referem-se à internet como um “tribunal” cujo regulamento é a ausência de critérios sólidos, ou, melhor dizendo, o arbítrio de cada usuário.

A partir desta configuração, sem que haja o estabelecimento de normas explícitas, que atuem para conferir justeza ao modo como as relações em esfera virtual se desenvolvem, os autores argumentam que grandes grupos, as “maiorias”, se organizam e definem, a partir de quaisquer critérios que lhes interessem, as razões pelos quais os “cancelados” assim o serão;

Desse modo, não há como apartar, em um estudo acerca da cultura do cancelamento, considerações a respeito de como as mídias digitais — as redes sociais, mais precisamente — operam em favor deste fenômeno.

No caso deste trabalho, a rede social X (antigo *twitter*) é a plataforma escolhida, enquanto fonte de análise e coleta de dados a respeito do tema desta monografia — o caso Karol Conká no Big Brother Brasil —, por ser notadamente o espaço em que os assuntos em discussão “nos atualizam quase simultaneamente conforme as pessoas vão comentando e dando visibilidade a um determinado assunto”, (Silva, 2021, p.98), mas, especialmente, por ter se tratado da rede social na qual o caso Conká ganhou força, a partir da intensidade com a qual as narrativas que circundaram a ocasião foram compartilhadas, no decorrer da participação da artista no Big Brother Brasil.

Considerando as funcionalidades da plataforma X, que, para efeitos de comparação, se assemelha a uma “ágora” cibernética, pode-se pôr, diante dos olhos, maior clareza de horizontes, no que tange à compreensão do modo como o cancelamento se organiza nesta rede. Conceituá-lo e dar-lhe ornamentos históricos é um dos modos fulcrais para manter o cumprimento dos objetivos a que este estudo se propõe, sendo esta a primeira etapa dentre os demais capítulos a serem aqui registrados.

2. MÍDIAS SOCIAIS: A PLATAFORMA X

Para que se possa avançar em uma discussão que contemple a cultura do cancelamento; seus meandros e métodos é salutar a investigação, para fins de síntese, do desenvolvimento da rede social X (antigo *twitter*). A plataforma representa, nas últimas décadas, um dos mais importantes instrumentos de mobilização, em esfera virtual, ao catalisar discussões, tendências e assuntos de impacto na vida coletiva. Para Levy e Gomes Júnior (2013), o X (*twitter*) pode ser definido como um mecanismo de auxílio às relações sociais, ao propiciar formas de interação e relacionamento integradas tanto de modo virtual, como de modo offline.

Criado em 2006¹, o X (*twitter*) tem, em princípio, sua infraestrutura concebida como um microblog, cuja principal característica inclui “postagens com limitações de tamanho, e muitas vezes associadas à ideia de mobilidade” (Zago, 2010, p.7), em comparação ao formato dos blogs, muito populares nos anos 2000. Na rede social, fica permitida a expressão pensamentos, ideias e aforismos em até 140 caracteres — número posteriormente acrescido para 280 caracteres, nas décadas seguintes.

Recuero e Zago (2009) destacam, entre as principais funcionalidades do X (*twitter*), a criação de perfis, o compartilhamento de links, a construção de redes de relacionamento, através dos recursos *seguir/follower* e *ser seguido/following*, além da publicação instantânea de mensagens. Todos os recursos permanecem na rede social, possibilitando, a seu turno, a formação de “um caráter múltiplo, que dá liberdade ao usuário para escolher a melhor maneira para interagir” (Levy; Gomes Júnior, 2013, p.160).

A efusividade com a qual o *twitter* foi recebido popularmente viabilizou a sua adesão poucos anos após a sua criação: um estudo da companhia de cibersegurança, RJmetrics, divulgado no jornal britânico *The Guardian* (Bunz, 2009), avaliou em 75 milhões o número estimado de usuários da rede social. Atribuiu-se, entre as possibilidades evocadas, na ocasião, para diagnosticar o motivo do crescimento de perfis, a chegada de celebridades à plataforma, na esteira de um período no qual os “usuários do Twitter passaram a seguir suas celebridades favoritas” (Bunz, 2009, tradução livre).

A popularidade em número de perfis criados também se estendeu à força internacional do X (*twitter*). Em agosto de 2009, o número de usuários cresceu “1.460% desde junho de

¹O X (*twitter*), como descrito por Zago (2010), foi criado em março de 2006, no estado de São Francisco, nos EUA, por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, vindo a popularizar-se mundialmente um ano depois, em 2007.

2008, quando seu público mundial era de apenas 2,9 milhões” (Schonfeld, 2009, online, tradução livre).

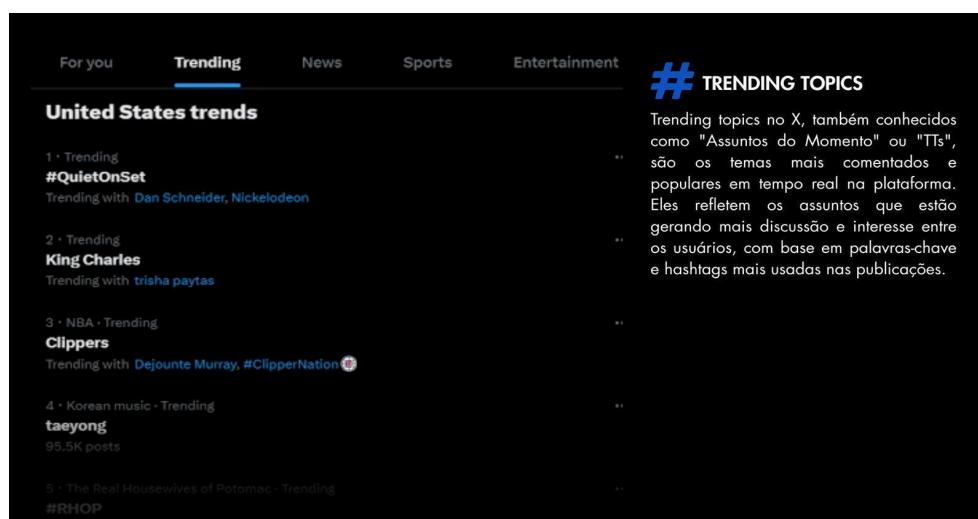
A virada, em termos de popularidade, sinalizou desde há muito a capacidade de o X (*twitter*) se espalhar mundo afora, aglutinando grupos e identidades diversas. Mais ainda: de conferir a esta mídia versatilidade sobretudo em relação às informações repercutidas com grande furor, posto que “aquilo que é publicado no espaço digital pode ser replicado a qualquer momento” (Recuero, 2009, p. 209).

Esta funcionalidade de reprodução acentuada e indefinida no espaço digital, nomeada como replicabilidade, é mencionada por Recuero (2009) e se trata de um dos elementos mais salientes no modo como a cultura do cancelamento — assunto-eixo deste trabalho — se aplica, considerando o modo como opiniões, denúncias e seus desdobramentos se seguem em esfera virtual, como se verá nos capítulos adiante deste estudo.

Somam-se à classificação acerca de como funcionam as redes sociais, a persistência, determinante para a indicar que as discussões no ciberespaço têm fim em si próprias; a capacidade de busca (*searchability*), posto que há, nas redes sociais, funções de pesquisa de informações, além das “audiências invisíveis”, que circundam, como espectadores, os temas em debate nas plataformas visuais, mesmo que de modo pouco aparente.

A reunião destes elementos — basilares dentre as funcionalidades básicas das redes sociais —, lançam luz, no caso do X, para o seu potencial de convergir públicos e adicionar capilaridade às discussões de grande repercussão, que, nas funcionalidades do twitter, ocupam a posição dos *trending topics*.

Figura 2: parte da interface do X e breve síntese do recurso trending topics



Fonte: próprio autor

A fusão entre a capacidade de busca, a persistência e a replicabilidade energizou, por exemplo, um dos primeiros assuntos de larga difusão internacional da rede social, quando, em 2009, as eleições ocorridas no Irã se tornaram o assunto mais comentado do X (*twitter*) naquele ano (Figura 2).

Figura 3 - excerto de matéria online publicada no site UOL acerca das eleições iranianas, em 2009, um dos exemplos de replicabilidade já descritos por Recuero (2009)



Fonte: Portal Uol

A replicação de informações acerca do tema, conforme noticiado no portal jornalístico UOL, foi recorde, auxiliada pela utilização de *hashtags*², como *#iranelection*, que situavam o tema em discussão na plataforma. A partir desse recurso, o assunto ganhou proporções não só relacionadas aos internautas do país em que a eleição ocorria, o Irã, mas se ampliou para um interesse de dimensão internacional, com consequências na política e nas relações internacionais.

Recursos como o *searchability* incessaram a procura pelo rumos políticos na região e as “audiências invisíveis”, neste episódio, tomaram nota do assunto, ainda que sem envolvimento direto. Ambas as categorias, em par com as menções de Recuero (2009), alicerçadas nas proposições de Boyd (2007), denotam os procedimentos como a busca, a armazenagem e o compartilhamento de dados e informações não só como as estruturas que cedem envergadura à lógica dos assuntos de grande relevância nas redes sociais, mas como os componentes que “vão selecionar e repassar as informações que são relevantes para seus grupos sociais” (Recuero, 2009, p.4).

É desse modo que Recuero (2009), ao considerar as redes sociais como um espaço possível para a circulação de informações — e, posteriormente, de agrupamentos, reuniões e debates — desvela o interesse jornalístico por trás da euforia que movimenta assuntos em áreas de impacto social, como a política, a cultura e o entretenimento.

² Hashtags, a partir da definição de Recuero (2009) indicam, a um só tempo, um mecanismo de busca a respeito de um tema, com o ícone #, bem como representa um signo de contextualização a assuntos que estejam sendo repercutidos no X.

A mescla entre euforia e informação é, inclusive, sugestiva para entender a força do X, no Brasil. A rede social, hoje, segundo um levantamento da empresa de pesquisa de mercado *eMarketer*, publicado no jornal O Globo (2024), apresenta um número estimado em 40 milhões de usuários no país, e já demonstrou força em episódios notáveis na história brasileira recente.

Um dos primeiros casos emblemáticos se relaciona às tensões políticas ocorridas no Brasil, em 2013. Em junho daquele ano, demandas sociais, em princípio motivadas por um aumento no preço das passagens do transporte público, em São Paulo, resultaram em uma série de protestos em cidades brasileiras, pondo em pauta temas como a saúde, educação, mas, em particular, uma oposição veemente aos “gastos com infraestrutura para eventos esportivos internacionais a serem realizados” (Zago; Recuero; Bastos, 2015, p.2), por ocasião de eventos esportivos, como a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016.

No que diz respeito à crise política que levou brasileiros às ruas, em 2013, Azevedo (2018) destaca o papel das redes sociais como essencial, por terem introduzido novos expedientes à forma como os protestos se organizaram, na ocasião, como o compartilhamento de mensagens, informações; divulgação dos pontos de encontro, dentre outras práticas vinculadas à conexão e associação.

Por essa razão, o autor qualifica não apenas a experiência brasileira, em 2013, como os movimentos de estudantes nas ruas do Chile e as revoltas em países do Norte da África, ocorridos em 2011, como sintomas do “do uso intensivo de ferramentas caras ao ciberativismo”, dentre as quais se enquadram as redes sociais como o X.

Nos anos seguintes, a influência do X nos temas de grande proporção brasileiros não arrefeceu, sendo a rede social consideravelmente relevante em episódios como o protestos e o subsequente *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2015 e 2016, respectivamente; as mobilizações, lideradas por mulheres, em oposição à candidatura do então presidenciável Jair Bolsonaro, em 2018, denominada *#EleNão*, cujo número de hashtags, de acordo com o portal de notícias Congresso em Foco (2018) alcançou mais de 1 milhão de impulsionamentos, além das disputas envolvendo o desacordo entre sanções jurídicas expedidas pelo Supremo Tribunal Federal (STF)³ e a posição de inflexibilidade de Elon Musk junto à plataforma X.

³Em 2024, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o X (twitter), estiveram envoltos em questões relacionadas ao ordenamento jurídico brasileiro. Conforme noticiado no portal de notícias G1 (2024) a ausência de um representante legal da empresa, no país, além do descumprimento de ordens judiciais para tirar de circulação postagens referentes a ataques à democracia levaram a suspensão da rede social no país, durante pouco mais de um mês.

Neste último caso, faz-se necessária a ressalva: houve uma mudança expressiva de diretrizes em relação ao X (twitter), após o multibilionário sul-africano, Elon Musk, adquirir a rede social, em 2022 (Figura 4). O episódio demarcou uma nova etapa na cronologia da rede social que, dentre pequenas mudanças, atualizou formalmente o seu nome, deixando de se chamar *Twitter* para ser nomeado X.

Figura 4 - matéria do jornal Folha de São Paulo noticiando as transações que culminaram na compra do Twitter por Elon Musk.



Fonte: Folha de São Paulo.

Apesar das mudanças concernentes à estrutura administrativa do X (*twitter*), os elementos mais essenciais da rede social, como a larga difusão de informações e a movimentação acentuada em torno de assuntos de grande proporção, não se alteraram. Quase vinte anos após a sua criação, a plataforma ainda conserva entre os seus signos de maior valor, a definição empregada por Recuero e Zago (2009), de capital social entre as mídias digitais, um conceito-chave associado ao modo como as informações são difundidas na rede social.

Para as autoras, o capital social, neste caso, afasta-se do seu sentido estrito “associado aos valores relacionados com o pertencimento a redes (e grupos) sociais” (Recuero, 2011, p.3), ampliando-se à medida que o X (*twitter*) traz consigo, a partir do modo como se organizam as suas operações, um arranjo no qual as relações sociais, além de se integraram e,

a partir disso, possibilitarem conexões, são também capazes de sinalizar relevância e credibilidade aos usuários.

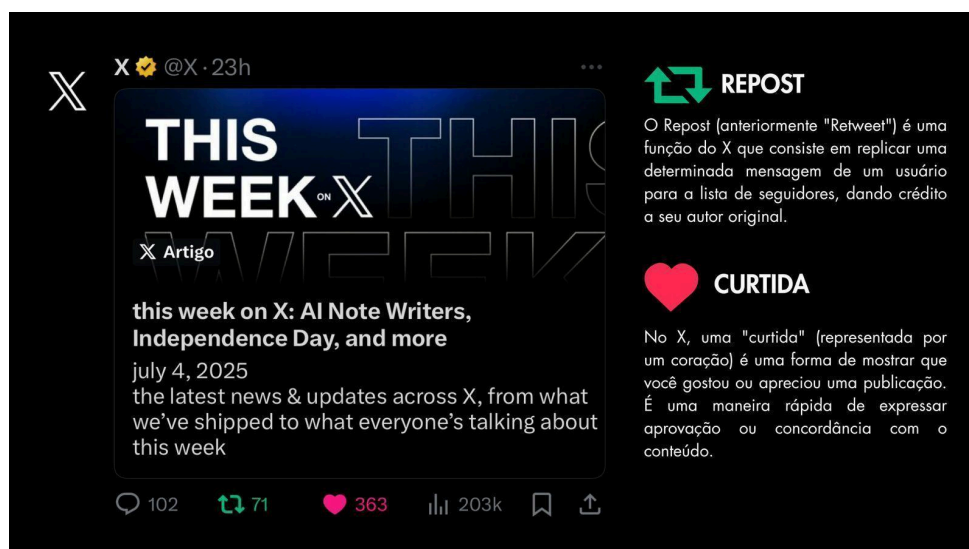
Por isso, no que diz respeito à informação e a sua reprodutibilidade, no caso do X (*twitter*), o capital social simboliza modo como as informações se propagam na rede social “relacionado às formas através das quais essa informação se difunde nas redes e, portanto, com as ações dos indivíduos que podem repassar determinadas informações e outras não” (Recuero; Zago, 2012, p.24). Sendo assim, a informação, enquanto valor intrínseco, torna-se acessória, abrindo espaço para que, tanto o acesso a ela quanto ao conteúdo que a circunda ganhem maior projeção.

Há, pois, nesta abordagem esboçada por Recuero e Zago (2009) um elo argumentativo relacionado ao modo como a cultura do cancelamento se organiza no X (*twitter*), uma vez que o usufruto do capital social por perfis com número acentuado de seguidores os torna, em certa medida, operadores de legitimidade, quantos às informações disponibilizadas e veiculadas em esfera virtual.

A reboque do gozo de capital social a que perfis de projeção obtém, Recuero e Zago (2012) os definem como valor e influência na rede social, demarcados pelo uso e alcance da prática de *retweets*, cuja proporção, de acordo com autoras, pode denotar, além de uma boa reputação dos usuários no ambiente virtual, o provimento de “vantagens específicas”, como a reputação e a capacidade de influência” (Recuero; Zago, 2012, p.26).

O recurso dos *retweets*, ou RTs, são um importante marcador de posições no X. Recuero e Zago (2012) atribuem a este recurso a função de lançar luz e amplificar informações em debate, podendo, a partir disso, transferir a ressonância destas discussões para outras redes sociais, ou, ainda, em maior projeção, para os veículos de mídia, como a televisão, o rádio e os portais jornalísticos, que a seu turno, ressonam também nos assuntos mais cotidianos.

Figura 5: demonstração de algumas das funcionalidades que auxiliam a larga difusão de informações no X



Fonte: próprio autor

Por isso, os retweets adquirem significados que ultrapassam a mera função de replicar mensagens de um perfil em específico. Como mencionado por Recuero e Zago (2011), o recurso é um indicador de participação, envolvimento e acréscimo de visibilidade. O Retweet se revela um recurso capaz de “gerar identificação, conversação e mesmo gerar novas conexões, todas apropriações privadas do capital social” (Recuero; Zago, 2012, p.35).

No caso do cancelamento, O RT é umas principais ferramentas, no X (*twitter*) para a vocalização de insatisfações e aglutinação de perfis que atuem em contrariedade à presenças e às posturas que venham a ser reconhecidas na rede social como impróprias. No X, a utilização do RT é regular pelos usuários, e, em casos de grande comoção, como o cancelamento envolvendo a cantora Karol Conká, o artifício foi largamente utilizado pelos usuários para acompanhar situações e comentar os desdobramentos da relação da artista com os demais participantes do reality show *Big Brother Brasil*, na ocasião.

O episódio envolvendo Karol Conká, a ser abordado em minúcias nos próximos capítulos, inclusive, explicita o modo como os conceitos de capital social nas redes sociais, pinçados por Recuero e Zago (2009), para além de apresentarem significativa relevância para desvelar o modo como circula a informação em esfera digital, apontam para os descaminhos que uso delas pode realçar.

Mais ainda: exemplificam a forma como a arquitetura do X possui mecanismos de atuação sobremaneira influentes, e muito singulares, desde os processos históricos mais

arrojados, como os supramencionados episódios políticos no Irã e no Brasil, no início 2010; até novos módulos em reprovação à condutas, como o cancelamento, em áreas de grande interesse social, como o entretenimento.

3. REALITY SHOWS E A PARTICIPAÇÃO DE KAROL CONKÁ NO BIG BROTHER BRASIL

3.1 Quem é Karol Conká?

Em 2021, a cantora e compositora Karol Conká – destaque entre os artistas do rap nacional – confirmou a sua participação no programa de televisão *Big Brother Brasil*. No entretenimento veiculado no país, o *reality show* ocupa, há mais de vinte anos, uma posição de destaque na grade de atrações da Rede Globo.

Para dar início às discussões deste tópico a respeito dos reality shows e suas minúcias no entretenimento brasileiro, é preciso repassar o histórico artístico e pessoal de Conká, a Karoline dos Santos Oliveira — seu nome de batismo —, cuja carreira teve início nos primeiros anos da década de 2000, em sua cidade natal, Curitiba.

À época, a artista estreou em gravações experimentais, registradas de modo caseiro, já no gênero musical com o qual estabeleceu maior vinculação, o rap. Estão presentes nas características que melhor definem este estilo a retórica fluida e pungente dos versos, adaptados à agilidade das rimas, que demarcam todo o modo como se desenvolve o ritmo e a melodia.

O rap também é marcado pelo aspecto combativo, politicamente, sendo definido, em termos históricos, por Oliveira (2011), como “uma prática cultural que verbalizou as dissonâncias, que assinalou a contestação do espaço na cidade” e que, ao fazê-lo, pôde produzir “um novo ambiente de reflexão e denúncia”.

Conká, desde o início, obteve prestígio e certo pioneirismo ao adentrar a seara rap, com um trabalho de quase duas décadas até o estrelato, entre experiências seminais, como um Mixtape, lançado ainda na adolescência, até um *Extended Play* (EP), concretizado em 2012. Em 2015, a canção “Tombei”, gravada com o grupo Tropkillaz, pôs Conká em mais alta conta junto ao público e a crítica especializada. O prestígio a levou para o elenco de primeira grandeza da música pop no Brasil, no fim dos anos 2010, com premiações e a celebração pública de seus lançamentos.

O aspecto precursor de Karol, nos termos raciais e de gênero, bem como a projeção advinda da fama obtida pela artista, especialmente após o sucesso de “Tombei”, propiciaram à sua figura o status e a relevância desejadas quando das mudanças nas regras de admissão dos participantes ao *Big Brother Brasil*, que, em sua 21ª edição, tornou a incluir famosos no seu cast.

A opção por participantes de fama prévia, no programa, representa uma das facetas as

quais o modelo de *reality shows* se destina: variedade de perfis em atenção à diversidade que há também na audiência.

3.2 Reality shows: uma definição

À parte o desempenho de Conká no *Big Brother Brasil* — objeto central de análise neste estudo —, e a variedade como requisito na estrutura narrativa em *realities*, é necessária a contextualização acerca da origem e do modo como funcionam os *reality shows*, formato de adesão entusiasmada por parte do público brasileiro. Para Rocha (2009), a definição do gênero inclui duas formas distintas, na televisão brasileira: a *reality TV* e o *reality show*: de acordo com a autora, a primeira categoria apresenta um formato mais amplo e popular, cujo intento se destina a maximizar a experiência do real na televisão, utilizando-se de mecanismos que visam “um efeito de máxima realidade no que é veiculado”, em um número amplo de produções, como programas de variedades e, mesmo, programas de auditório, com o objetivo de sublimar as diferenças entre o mundo material, real, de fato, e a realidade adulterada, encenada e editável, ou seja, “a utilização de elementos de linguagem que enfatizam o referente e geram simulações que aproximam a ficção da realidade” (Rocha, 2009, p.3).

Destacam-se, nesse modelo de utilização da realidade, no audiovisual, alguns procedimentos e técnicas, como a demasia de câmeras, muitas das quais dispersas, para garantir a captação mais natural possível dos envolvidos em *realities*; edições ágeis e ações interativas entre a audiência para com as atrações. Programas de auditório e, mesmo, atrações jornalísticas, podem, segundo a autora, se utilizar da forma de produção das *reality TV*.

Os *reality shows*, por sua vez, exacerbam a categoria *reality TV*. Se a *reality TV* utiliza formatos do gênero televisivo que precedem a sua criação, como as novelas e os *game shows*, adaptando-os à tentativa de aproximá-los da realidade, mesmo que de modo artificioso, os *reality shows* explicitam a intenção de representar irrestritamente a realidade no ambiente televisual.

Sob esta quadratura estão classificados os mais diversificados formatos mundo afora, dentre os quais o BBB, programa no qual a integração e a participação da audiência são consideradas as engrenagens para o desenvolvimento das histórias, faz parte, conjugando situações fáticas, com seus personagens, mas não menos simuladas, dado o seu apelo como um programa de entretenimento, no qual toda a sua ambientação é forjada nos moldes do que reza a produção audiovisual.

Os reality shows ascenderam e se destacaram em uma posição de alto relevo, nos termos de consumo, na cultura popular contemporânea. O surgimento e a posterior apreciação deste módulo de atração, consolidado na segunda metade do século XX, tornou-se parte essencial da experiência midiática, transformando-se junto a ela.

Para Tuzzo e Linhares (2009), os *reality shows* espelham o aspecto multifacetado das plataformas de mídia, como a fluidez e a densidade de informações, uma vez que, oriundos, em princípio da televisão e, portanto, dada a versatilidade deste meio de comunicação, as tecnologias emergentes em sociedade conseguem se adaptar a ela, “modificando a sua linguagem e o seu desenvolvimento.

O crescimento e as mudanças de formato dos *reality shows* correm, portanto, em paralelo aos avanços na forma do consumo de mídias, sincronizando-se a uma etapa de experiências publicizadas de modo imediato, na esteira da efusão de compartilhamentos e informações rapidamente distribuídas, similar ao que ocorre em redes sociais.

Além do mais, ao modificar-se, em termos narrativos, os *reality shows* têm avançado em tornar sutis as fronteiras que delimitam o que é o entretenimento e o que é o conteúdo informativo, imiscuindo-os, de modo que não haja o que preponderar entre a informação ou o entretenimento. Um *reality show* pode servir a ambos.

No caso do *Big Brother Brasil*, tema que nos é caro, este pode enredar ao público, com jogos e dinâmicas, ao passo que o enquadra e o expõe a conhecimentos e informações múltiplas acerca de temas fundamentais inscritos no corpo social, como a aparição de novos hábitos, expressões de linguagem, modas e revisão de costumes. Todos estes elementos inseridos dentro do escopo de influências que os *reality shows* podem tangenciar.

O público é apresentado a esta variedade de conhecimentos, no que há de fronteira entre os signos que entretêm e informam. Os reality shows, portanto, seguem à risca a justaposição observável na composição dos nomes que o designam: há o real; a realidade, mesmo que pretensa, covalente ao show; ao espetáculo que o cerca e o viabiliza, em termos comerciais, como atração.

3.3 Origens dos reality shows na televisão brasileira

Os reality shows são um gênero de variedades com influência e popularidade no país, no início dos anos 2000, incluindo, dentre as suas principais premissas, a exteriorização da vida cotidiana de pessoas comuns, cujas jornadas seriam acompanhadas aos olhos do público. Adaptando-se de forma célere à cultura televisiva brasileira, Santos (2006) sintetizou a

fórmula dos principais reality shows exibidos no país, quando da origem e popularização do formato: um enfoque em indivíduos anônimos, sem projeção, ou pessoas notáveis, tendo captadas as suas relações e dinâmicas “em situações normais ou submetidas a provas e desafios inusitados.”

Em consonância à ideia de exibição de sentimentos, impressões e da própria privacidade, transfigurados pelos interesse televisivo, Leite (2011) denomina os *reality shows* como a etapa de subordinação do que é privado em nome da audiência, de modo a possibilitar à indivíduos, em princípio, sem nenhuma relevância pública, a passagem “de invisível a visível”, sob o filtro do entretenimento.

Leite (2011) ainda atribui ao ímpeto de projeção pública, observado nos reality shows, não apenas a simplória percepção da fama como um objetivo a ser alcançado e, em si próprio encerrado, mas também uma oportunidade de reflexão acerca do histórico de interações nas quais a confirmação do olhar e da aprovação de outros grupos sociais surge como instância decisiva na formação das subjetividades humanas, o que, a um só tempo, faz da televisão e dos *realities*, recursos relevantes como representação dos interesses conscientes e inconscientes do público.

A partir desta dinâmica, em que se encontram conjugados o reconhecimento por vastas audiências, a renúncia ao anonimato e, por conseguinte, a exposição como contrapartida, o Brasil assistiu a um de seus primeiros exemplos no formato *reality show*, o seminal “No Limite”, com a primeira edição exibida no ano 2000, na Rede Globo. Sua concepção tinha influência em formatos populares fora do país, como o programa *Survivor*, sucesso na televisão dos Estados Unidos.

A ideia central do reality envolvia a manutenção de participantes em condições desfavoráveis, sitiados em uma ilha erma. Em jogo, suas capacidades de sobreviverem às condições escassas e hostis, mesclando a aflição, o drama, senso de competição e entretenimento.

O relativo sucesso seria acompanhado pela produção e exibição do programa Casa dos Artistas, preparado em 2001, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Similar ao formato *Big Brother*, já um sucesso em solo europeu, a atração confinava um grupo de pessoas — celebridades, neste caso — em uma casa cercada por câmeras e microfones.

Sob o comando do apresentador Silvio Santos, a Casa dos Artistas expôs os participantes a filmagens em 24 horas, diariamente. O programa alcançou imensa audiência sem, no entanto, afastar polêmicas, comuns à estranheza do formato, sem precedentes na televisão brasileira.

Do início da década de 2000 até então, canais de televisão, no Brasil, propuseram *realities* para inúmeros segmentos: habilidades culinárias, dinâmicas e convivências em grupos, competições musicais, testes de resistência, entre outros. Pode-se afirmar que nenhum deles obteve o prestígio, a relevância e a mobilização do Big Brother Brasil, o mais consagrado e rentável reality show brasileiro.

3.4 Big Brother Brasil: um fenômeno dentre os reality shows

Em 2002, contudo, um novo estado de coisas: a Rede Globo lançou o *Big Brother Brasil*, em sua primeira edição. O programa é uma versão brasileira adaptada de um formato homônimo, o Big Brother, exportado às televisões mundo afora. Assim como a Casa dos Artistas, confinava um grupo diversificado de participantes – anônimos, desta vez – em uma residência, sob vigilância permanente das câmeras (Figura 6). Tornou-se rapidamente um sucesso.

Figura 6: trecho da capa do caderno de cultura e entretenimento do jornal O Globo noticiando a estreia do Big Brother Brasil, em 2002.



Fonte: acervo digital do jornal O Globo

O *Big Brother Brasil* integrou não apenas a lista de primeiros *reality shows* brasileiros, mas também saltou adiante ao consolidar a participação do público como crucial, por meio de votações, tornando-o influente no percurso das decisões do programa.

Na atração, a forma como se desenvolvem as relações interpessoais é um dos seus principais atrativos, o que, invariavelmente, ao longo da duração do programa, resulta em momentos de descompasso e ira entre os participantes em competição, no jogo, pelo prêmio principal: uma quantia, hoje, superior a R\$ 1 mi.

No que circumspecta os interesses desvelados; as rusgas; as competições e os sentimentos que se deixam aflorar em um contexto de disputas, Rocha (2009) define como um “jogo pela visibilidade” a relação entre público e participantes, quer seja pelo óbvio envolvimento espectador-atração; quer seja pela necessária sedução, neste caso, a que os membros confinados necessitam para cativar a audiência e, posteriormente, obter destes a torcida necessária para vencer o jogo.

A autora vai além ao sublinhar esta disputa de atenções entre os cativos, nomeados popularmente como *brothers*, e a malta que os acompanha. Os primeiros seriam “exibicionistas”, interessados em suscitar a admiração por seus predicados, a fim de manter vivo o interesse por suas histórias durante o programa, enquanto a audiência seria “voyeur”, siderada, entretida com o programa, configurando-se, assim, um ambiente no qual “as duas faces da mesma moeda, o voyeurismo e o exibicionismo midiático, são articulados” (ROCHA, 2009, p.8).

É sob este mesmo prisma, no que há de fascínio e ludíbrio nesta relação entre o público e os membros do *Big Brother Brasil* — ou, melhor dizendo, na polaridade entre o real e o simulacro — que Palácio (2022), em artigo para a *Ilustrada*, suplemento opinativo do jornal *Folha de São Paulo*, define o BBB como a seara em que o “realismo, ao mesmo tempo que se apresenta como jogo de extermínio no qual a audiência se diverte com uma guilhotina simbólica” (Palácio, 2022).

Este atrito, portanto, seria a flama capaz de manter as engrenagens que compõem a dinâmica do game show. Em uma dimensão já reificada, cujos signos se extraviam do mero entretenimento, assumindo ares de espetáculo, no qual os integrantes tornam-se, ainda de acordo com Palácio (2022), “pessoas-imagem, ou de imagens que se comportam como pessoas”, neste caso, “expostas ao voyeurismo geral exatamente como a mercadoria que se exhibe na vitrine, sensual e concupiscente, à espera do consumidor para a conjunção libidinal” (Palácio, 2022), ou seja, à espera de uma plateia que os admire e os consuma.

Há mais de vinte edições realizadas anualmente, o *Big Brother Brasil* mantém atualizados os dilemas supracitados em uma dimensão simbólica, jamais esgotando as possibilidades de análise. Pelo contrário: tornando possível que o programa se insira, também, como um objeto de repasse histórico de antigos e novos hábitos, pensamentos e estilos de

manifestações em sociedade, sobretudo após duas décadas de exibição.

Nos últimos anos, o programa é atualmente um dos principais agentes de interações em redes sociais, sendo um dos mais reveladores dispositivos relacionados à dinâmica da cultura digital no Brasil.

A edição apresentada em 2021, objeto principal deste trabalho, apresentou, em sua 21ª edição, um número recorde de menções e interações em redes sociais. Em notícia veiculada pelo jornal O Estado de São Paulo, mais de 1,1 bilhão de interações foram realizadas em postagens distribuídas por meio de contas pessoais de usuários, em redes sociais de grande relevância e audiência, como o Facebook e o Instagram.

Os dados coletados revelaram que, em três meses de exibição do programa, o público brasileiro publicou e realizou comentários mais de 160 milhões de vezes sobre o BBB nas redes sociais. Soma-se a isso o número de interações nos perfis dos 20 participantes do programa à época, cujo número, de acordo com a matéria jornalística, ultrapassou 1,1 bilhão de interações.

A força e a relevância do programa se provaram, naquela ocasião, substanciais também na televisão. O suplemento dedicado à notícias do entretenimento, *F5*, do jornal Folha de São Paulo, divulgou, ao fim da 21ª edição do BBB, em maio de 2021, que a edição daquele ano havia sido a de maior audiência em 11 anos em São Paulo — principal mercado de publicidade e praça de audiência do Brasil —, com média superior a 28 pontos (sendo cada um destes pontos o equivalente a 76 mil domicílios). O mesmo se repetiu no Rio de Janeiro, com a melhor audiência desde 2010, na casa dos 30 pontos.

Em perspectiva, os dados referentes à adesão do público brasileiro ao formato *game show* exibido no Big Brother Brasil, não só na edição de análise deste trabalho — a edição de número 21 — lançam luz sobre o fato de a atração ter, desde o início, cumprido a contento um dos seus objetivos, como *reality show*, ao situar-se em uma região indefinida entre a mera condição de um programa televisivo e o simulacro de realidade, com todos os níveis e desafios complexos que envolvem as relações sociais imanentes na sociedade contemporânea.

Os contornos da vida íntima, os assuntos em destaque e das reações retratadas entre os participantes, por exemplo, em cada nova edição, permitem a abertura de um espaço para identificação acentuada com os espectadores, que se sentem a si próprios percebidos nas jornadas vivenciadas por cada um dos participantes em disputa na competição.

O BBB de número 21 salienta, de modo fulcral, os níveis a que esta relação relação entre a audiência e os participantes, no termos do que há de fronteiroço entre o factível e a

representação audiovisual, podem gerar, dentre outras coisas, a mobilização, a partir do envolvimento gerado pela atração, com bons números de audiência, e, pois, o cumprimento esperado dos desígnios de um reality, cuja parte basilar é esta, mas sobretudo conflagrar-se para além dos termos do jogo, exorbitando parâmetros aceitáveis.

Esta observação ficou demonstrado na animosidade do público para com a participante Karol Conká, centro de uma das principais narrativas daquela edição, ligada ao seu comportamento e, posteriormente, ao cancelamento que a colocou nos anais da história do programa com a maior porcentagem de rejeição já registrada na história, com 99,17% dos votos. O que se desvela até que esta rejeição se consume integra um dos pontos vitais desta dissertação.

3.5 Karol Conká: o tombo em “praça pública”

Em janeiro de 2021, a cantora e compositora Karol Conká, destaque da cena do rap nacional, selou sua participação no reality show Big Brother Brasil. Sua escolha veio no bojo das reformulações realizadas no formato da edição anterior, o BBB 20.

Naquele ano, após a marca de algumas edições de baixa repercussão, nos anos 2010, o programa reformulou suas regras, permitindo, doravante, a inclusão de famosos como membros do elenco. Na edição 21, a regra permaneceu, com o devido quociente de dez famosos e dez anônimos entre aqueles que topariam sua privacidade vigiada durante o íterim de três meses e meio. Karol, nacionalmente popular desde o início da década de 2010, ingressou na empreitada

Iniciado o Big Brother Brasil, Karol Conká trazia a respeitabilidade obtida ao longo de sua carreira, com uma base consolidada de fãs (Figura 7). Quando o programa iniciou, a artista contava com aproximadamente 1,5 milhão de seguidores, positivamente acrescido, levando este número ao patamar de 1,7 milhão de seguidores, conforme levantamento do portal de notícias da Globo, g1.

Figura 7 - imagem de apresentação da cantora Karol Conká como participante do BBB, em 2021



Fonte: Rede Globo

Nos dias que se seguiram após o início do confinamento, os primeiros entreveros entre Conká e os demais integrantes do reality aconteceram. Chamou a atenção do público, no entanto, o desentendimento com o participante Lucas Koka, o Lucas “Penteado”, um jovem ator, que ocupou o centro das primeiras discussões ocorridas no programa.

Lucas, já no princípio, envolveu-se em uma celeuma com os demais participantes, ao sugerir, no fim do mês de janeiro de 2021, dias após o início do confinamento, uma aliança entre os jogadores negros do reality, em oposição aos demais, brancos. A proposta não foi bem recebida.

Do mesmo modo, a sua relação com uma das participantes, Kerline, alvo do seu interesse romântico não correspondido, o expôs ao primeiro atrito com Karol Conká, que, observando o impasse entre Kerline e Lucas — e as sugestões de romance de Lucas confrontadas com a indecisão de Kerline, a certa altura “desestabilizada” com o conflito, em suas palavras — decidiu por apoiá-la, em oposição aos gestos de aproximação de Penteado.

Ainda no fim de janeiro, o desentendimento entre ambos, Conká e Penteado, alcançou um novo patamar: a artista, assim como outros participantes, na ocasião, o expuseram a questionamentos sobre o seu comportamento durante o programa.

Karol, mais incisiva, optou por, além de seguir coro às críticas, alcançá-lo em gestos e palavras ácidas, sugerindo, inclusive, a possibilidade de realizar uma “tortura psicológica”,

com o ator. A artista sugeriu que todos o isolassem. A ação foi a cabo. Penteado, na ocasião, viu-se a sós.

Ainda no início do mês de fevereiro, Karol, em atrito com Lucas Penteado, foi incisiva ao pedir que ele se afastasse da mesa em que os colegas de programa almoçava, sugerindo, inclusive, que ele retornasse apenas ao fim da refeição, apartado dos demais.

O entrevero deu-se com palavras contundentes, de explícita rispidez, acentuado horas depois, durante um quadro do BBB de nome “Jogo da Discórdia”, no qual os participantes expõem, entre si, insatisfações com relação às posturas de cada um dos membros.

Se a discussão do horário do almoço, naquele dia 01 de fevereiro, já havia a sugestão de gestos irados, por parte do Conká, com a enunciação da violência, ao mencionar que a vontade que a alcançava, em certo instante, era a de arremessar um copo d’água na cara do colega, na noite daquele dia, os ânimos não arrefeceram.

Ambos trocaram farpas, agressões e insinuações mútuas no horário noturno de transmissão, ao vivo. O escalonamento das tensões extrapolou a exibição do programa em TV aberta, seguindo no *pay-per-view* — modalidade de exibição do programa na íntegra, sem cortes, para canais de assinatura e para a plataforma Globoplay — com mais verbalizações agressivas. Karol acusou-no; Lucas acusou-na.

Ambos se reencontraram, imediatamente após o quadro se encerrar, para selar a paz, após um dia de intrigas. A iniciativa veio, diga-se, após Conká pressentir que o público a repreendesse, dada a veemência com as quais as suas acusações foram explicitadas. Ambos consentiram, na ocasião, em não se maldizerem.

A paz, brevemente instaurada, deu lugar a nova desordem: em uma nova festa, após uma noite de excessos, Penteado entrou em crise, viu-se a sós, questionou a outros integrantes do programa, até que, por impasses pessoais, decidiu desistir do BBB. No que a confusão se instaurou, sua desistência suscitou entre o público discussões relacionadas à Karol Conká, que, mesmo não agindo diretamente para a decisão do rapper e ator desistir da atração, anuiu, com o rigor de suas palavras, em um mal-estar do qual o seu colega de confinamento não teve condições de pôr à margem de si.

Estes episódios concorreram para que a artista sofresse com xingamentos e ampla sorte de insultos. A mobilização virtual em torno do seu nome, energizada pelo achincalhe, nas redes sociais, com a participação de anônimos e personalidades famosas: todos organizados para que a musicista deixasse o BBB.

Na esfera da relação com Lucas Penteado, a assessoria do artista à época se pronunciou, discutindo a possibilidade de uma movimentação judicial contra Conká. A ação, embora

jamais tenha sido efetivada, conspirou em favor dos ventos nada alvissareiros que já sopravam ao norte da rapper, na ocasião.

Estes acontecimentos, amplamente difundidos na televisão e nas redes sociais, tornaram-se propulsores de um sentimento colérico, potencializado pela robusta audiência atingida pelo programa em seus primeiros dias.

O desgaste de Karol Conká após a série de episódios desagradáveis na casa, levou ao boicote organizado acerca de tudo o que envolvesse o trabalho da musicista. A proporção do acontecimento, no entanto, estendeu-se à modalidade do cancelamento, na qual os métodos para ofuscar e punir comportamentos são deliberadamente executados, consequentes à torpeza — verídica ou atribuída —, de qualquer ação passível de instigar um enraivecimento, como foi o caso. No caso de Karol Conká, a sanha do público em puni-la, mesmo indiretamente, por seus desvarios alcançou o status de objetivo comum.

Ilustrativo da ocasião, os seguidores da artista na rede social *Instagram*, uma das mais potentes plataformas de comunicação e interação social do mundo, diminuíram substancialmente, chegando a registrar a perda de 600.000 seguidores, de acordo com dados veiculados na versão web da revista *Veja Rio* (2021). Em termos de contrato e finanças, a cantora teve prejuízo de R\$5 milhões, segundo informações registradas pela agência Brunch, responsável por acompanhar os movimentos sobre influência digital.

A receita era consequente de contratos com empresas para publicidade e eventuais apresentações musicais. Um programa gravado com a cantora para o canal de TV fechada GNT, do Grupo Globo, também foi suspenso, dada a intensidade do que acontecia no *Big Brother Brasil* (Figura 8).

Figura 8 - Notícia veiculada no portal UOL, em 2021, no auge das polêmicas envolvendo Karol Conká



Fonte: portal de notícias UOL.

Após excessivos desentendimentos, a participação errática de Karol Conká chegou ao fim na última semana de fevereiro. A porcentagem de rejeição foi por ela atingida com uma porcentagem recorde: 99, 17% dos votos. A numeração foi, também, obra da proporção dos acontecimentos veiculados.

4. METODOLOGIA

4.1 Abordagem metodológica

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, que propõe interpretar e compreender o significado de conteúdos comunicacionais, buscando identificar padrões, temas, categorias ou sentidos implícitos nas mensagens. A análise em questão caracteriza-se pela metodologia da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977).

A investigação está focada em uma perspectiva qualitativa, com objetivo de compreender os sentidos, intenções e significados presentes nos conteúdos, além de analisar a frequência de palavras, expressões, temas ou categorias para identificar as marcas do cancelamento, ocorrido nas interações na plataforma X relacionadas à participação de Karol Conká no Big Brother Brasil 21.

De acordo com a definição de Bardin, a análise de conteúdo é uma técnica que propicia “trabalhar com um grande número de documentos, obter informações quantitativas e qualitativas, e realizar inferências sobre as condições de produção e recepção desses documentos” (2001, p. 15). Esta abordagem, referida pela autora, será o método norteador do processo de colheita das postagens realizadas na plataforma X.

Utilizando-a, visa-se a possibilidade de identificação das principais temáticas de maior dominância, no contexto das postagens realizadas acerca da participação da Karol Conká no BBB; a polaridade dos sentimentos expressos em postagens na plataforma X, bem como as estratégias discursivas empregadas pelos usuários para manifestarem as suas opiniões a respeito do caso.

Estes três elementos, constituídos no escopo conceitual de Bardin (1977), permitem desvelar referências e significados explícitos nos discursos, bem como elementos minuciosos, subjacentes, definidos pela autora como “o conhecimento por trás das palavras”.

Além disso, propõem, segundo o método científico, “fundamentar impressões e juízos intuitivos através de operações conducentes a resultados de confiança”, sendo correlatos, neste caso, à colocação de Santaella (2001) acerca das ciências empíricas, em que é possível observar “além do conhecimento discursivo, obtido pela dedução e indução” a forma do conhecimento angariado pela “observação e experimentação”.

No âmbito da esfera metodológica, ainda de acordo com Santaella (2001), verifica-se a possibilidade de estarem adequados “os meios para comprovar ou não as hipóteses nas quais apostamos”.

Ao harmonizar a análise de conteúdo em Laurence Bardin — com a sua abordagem sistemática na demarcação de técnicas desenvolvidas para a interpretação dos objetos de análise e a interpretação dos dados investigados — com as proposições epistemológicas de Santaella (2001), destinadas à pesquisa em comunicação, este estudo pretende examinar as postagens referentes à participação da Karol Conká no BBB 21 convergindo, a um só tempo, o rigor do método às especificidades teórico-científicas do campo da comunicação.

4.2 Corpus da pesquisa

O corpus da pesquisa é composto por seis posts — denominação empregada às postagens realizadas na rede social X — relacionados às agressões proferidas contra Karol Conká durante a sua permanência no reality show BBB. A seleção desses materiais contém, como recorte temporal, a discussão da artista com Lucas Penteado, em 01 de fevereiro, até o período subsequente à saída de Conká do programa — entre eliminação e pós-eliminação —, nos dias 23 a 25 de fevereiro daquele ano.

A estruturação do corpus, deste modo, pautou-se pelo conceito de codificação, em Bardin (1977), no qual a compilação de dados — os tweets, no caso deste trabalho — deve apresentar “regras precisas” de dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração”, sendo, a partir disso, possível “atingir uma representação do conteúdo”.

O processo de busca dos tweets abrange ainda a utilização de palavras-chave e comentários, a exemplo de frases de efeito acompanhadas por hashtags, de ícone “#”, utilizado para repercutir temas em discussão como “#ForaKarol”, considerando a diversidade das formas de expressão na rede social, de modo a assegurar, por meio de critérios qualitativos de análise, a envergadura científica do trabalho.

A seleção do seguinte intervalo temporal toma em consideração o pico de interações observadas na rede social X, desde a escolha de Conká como uma das participantes instadas ao escrutínio do público acerca da sua permanência na atração, até a consumada saída, com rejeição recorde, superior a 99%.

No período imediatamente posterior à eliminação da musicista, por exemplo, foram mais de 600 mil menções aos termos “conka” e “karolconka”, por 359 mil usuários, no X, de acordo com Bergamo (2021), na Folha de São Paulo.

À referida artista foram imputadas diversas acusações, abrangendo desde a alegada prática de assédio moral até a perpetrada prática de bullying dirigida contra determinados

participantes do programa. A plataforma X concentra, no período de escolha especificado, as discussões que vieram a repercutir na saída de Conká da atração.

A coleta amostral será realizada por meio da busca avançada na plataforma X, recurso no qual é possível compilar antigas postagens a partir da utilização de palavras-chave referentes ao caso de cancelamento envolvendo Karol Conká, a saber: “karolconka”, “conka”, “mamacita”, dentre outros termos alusivos à artista.

Soma-se a busca por meio de expressões da época, o demarcador temporal: os dias 01 e 23 a 25 de fevereiro de 2021, para garantir precisão aos dados encontrados, em conformidade aos requisitos mencionados no corpus deste estudo.

Complementar às buscas na plataforma X, notícias de cunho jornalístico, repercutidas em veículos de imprensa, tais como g1, Folha de São Paulo, Revista Piauí, Uol, dentre outros, também serão utilizados, para robustecer a pesquisa e clarificar o panorama em análise neste trabalho, recompondo o clima do debate público e a correlação de forças durante a participação de Conká no programa.

A integração entre o que esteve em pauta nas redes sociais, mais especificamente, no X, e no que foi acompanhado pela imprensa, visa garantir abrangência e, ao mesmo tempo, representar a dimensão do que foi discutido acerca de Karol tanto nas mídias digitais quanto em veículos de comunicação tradicionais. Para Santaella (2001) abordagens deste cunho, qualitativas, são propiciadoras “das unidades de sentido, das relações entre elas e do que delas emana”.

4.3 Critérios de seleção

Os critérios de seleção desta pesquisa — a saber, a relevância do tema; o recorte temporal empregado e a organização discursiva das postagens selecionadas — integram uma etapa a mais na estruturação metodológica que orienta o escopo de análises acerca da participação da cantora Karol Conká, no BBB 21, e o cancelamento por ela enfrentado na plataforma X.

A relevância do tema — um dos requisitos basilares para a investigação do episódio em análise — ilustra o processo da seleção de conteúdos relacionados ao cancelamento da artista, bem como das discussões que o cercaram, tangenciando-o. Desse modo, utilizando-o como referencial, é possível ampliar a escolha por postagens que representem a dinâmica de agressões, xingamentos e ações de mobilização coletivas destinadas a estimular um clima de hostilidade na esfera digital, à época da participação de Conká no reality show.

De modo complementar, seguem como critérios o recorte cronológico e o enquadramento discursivo das postagens agrupadas. Estas duas categorias mapeiam, respectivamente, o período de efusividade nas manifestações de usuários da rede social X a respeito de Karol Conká, nos períodos da discussão mais acalorada da musicista, em 01 de fevereiro, e a eliminação e pós-eliminação, nas datas de 21 a 25 de fevereiro, em par com a progressão quantitativa divulgadas em veículos de imprensa — com números superiores a meio milhão de menções nesta rede social —, e, por conseguinte, apreendem a dinâmica qualitativa na essência dos discursos expressos em esfera virtual.

A conjunção destas três categorias ainda fornece fundamentação analítica, diga-se, justificada a partir de uma das proposições expostas por Bardin (1977) ao definir, no contexto da análise de conteúdo, a análise categorial temática, dentre as possibilidades analíticas possíveis. Neste modo de aferição teórica, há predominância da especificação, do escrutínio e da categorização dos objetos de análise, buscando, pois, do aspecto descritivo e sistematizado de informações classificadas — no caso deste trabalho, das manifestações de ódio em postagens endereçadas à Karol Conká.

No que diz respeito aos discursos expressos, conforme mencionado, a associação à análise categorial pode, conforme as definições de Bardin (1977), clarificar os “elementos de significação constitutivas da mensagem”, ou seja, fornecer critérios explícitos e precisos para que seja possível averiguar e, posteriormente, compilar postagens em que sejam verificadas, no contexto que interessa a este trabalho, a existência de condutas pejorativas, ou ainda, numa outra instância, de possíveis ações discriminatórias como parte de um repertório mais amplo de agressões a artista.

No que concerne à utilização do modelo de análise categorial para a metodologia deste trabalho, serão consideradas formas de avaliação do cancelamento — e tentativa de apagamento de Conká — postagens incitando mobilizações organizadas contra a artista, com uso de palavras ofensivas; linguagem hostil utilizada de modo velado, como ironias, trocadilhos sarcásticos e expressões de significação dúbia, além de xingamentos dirigidos de forma explícita.

Harmonizar a pertinência do debate escolhido neste estudo, a demarcação temporal e os métodos de análise das postagens publicadas na plataforma X, com o detalhamento dos métodos empregados em cada um destes três eixos, viabilizam, ainda que se clarifiquem as técnicas de coletas de dados empregadas neste estudo.

Por fim, serão excluídos como critérios desta seleção as postagens realizadas fora do recorte temporal demarcado, conteúdos originados em contas automatizadas, sem veracidade, e discussões alheias ao tema proposto, ou seja, o cancelamento.

4.4 Procedimentos de análise

Neste tópico, os métodos utilizados revolvem, em princípio, à supramencionada análise de conteúdo, procedimento que encapsula, nos termos propostos por Bardin (1977), “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” a partir da utilização de mecanismos de análise “sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

A análise de conteúdo, por conseguinte, é o lastro teórico desta monografia, estabelecendo a fundamentação de tópicos como a organização do trabalho, a coleta de tweets através dos recursos de busca avançada na rede social X, a atenção à recorrência de postagens com conteúdo agressivo, que atravessam a escolha do tema principal — a participação de Karol Conká no BBB e as postagens de teor enfiado manifestada em tweets na rede social X — mas, em especial, a inferência e a interpretação, compõem a fundamentação necessária para subtrair das informações armazenadas conteúdo sob medida para que se considerem legítimas ou inconclusivas as hipóteses em debate.

Com a inferência, segundo Bardin (1997), pode-se “regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações”. Somada a outros recursos metodológicos, a inferência é a fagulha para a verificação de incertezas que se possam encontrar no decorrer deste trabalho.

Estabelecida a inferência, as perguntas-chave do objeto de estudo em análise podem ser verificadas com maior acuidade. O refinamento das inferências, nos termos metodológicos, reforça ainda a pertinência da utilização da análise categorial como eixo teórico, uma vez que esta técnica admite uma forma de organização centrada no recorte, ou escolha das unidades, na enumeração, com a devida escolha das formas de conteúdos de itens elencados, e na classificação e agregação de categorias a serem trabalhadas. Todos estes elementos agrupados conforme a descrição de Bardin (1977).

Pode-se, a partir daí, com este método definido, traçar um esclarecimento a respeito da forma como as informações organizadas a respeito do caso envolvendo Karol Conká estão sendo avaliadas; levando-se em conta, desse modo, além das normas do rigor científico, uma forma de verificação às hipóteses e objetivos aos quais este trabalho se debruça.

4.5 Validade e confiabilidade

Destinado a conferir a validade da pesquisa nos termos do que reza o rigor metodológico e as prescrições científicas, a partir da credibilidade obtida por meio dos dados oriundos da rede social X acerca do cancelamento envolvendo Karol Conká, critérios de verificação de validade e confiabilidade foram estabelecidos para nortear este estudo.

No que tange à validade, a explicitação dos temas relacionados ao trabalho: a saber, cultura do cancelamento; a contextualização dos métodos e dos códigos do X; como palavras-chave e o uso de hashtags; os mecanismos de funcionamento dos reality shows e a presença de Karol Conká no BBB, locupletam-se de um repertório de fontes, como excertos de veículos jornalísticos, dados colhidos em institutos de pesquisa e um amplo espectro de trabalhos no campo acadêmico, como artigos, livros e outros estudos concernentes à vastidão temática definida.

A delimitação de informações acerca deste estudo, com atenção à especificidades como a delimitação temporal dos tweets catalogados; a orientação quanto aos temas que essas postagens abordam — a retórica hostil direcionada à Conká —, uma enumeração precisa destas mesmas postagens e um embasamento qualitativo para avaliar as hipóteses que o trabalho suscita, representa uma forma precisa e pormenorizada de verificação analítica dos pressupostos incluídos no trabalho.

Com a utilização da análise de conteúdo, pode-se aferir o que há de causal nas postagens realizadas no X contra a presença de Karol Conká e as tendências coletivas, à época, referentes ao caso no debate online.

A confiabilidade desta monografia, além de assentar-se em alguns dos pressupostos supramencionados, se dá também pela codificação de informações em categorias já pré-definidas ao longo da explicação acerca das abordagens técnicas selecionadas, no intuito de harmonizar a armazenagem de dados, em conformidade à técnicas estabelecidas pela análise de conteúdo - a abordagem escolhida -, junto aos objetivos, hipóteses e justificativas escolhidos para a concepção programática desta pesquisa.

Entre os instrumentos de codificação do trabalho constam o processo de coleta de dados, por meio de busca avançada⁴, no X, a fim de facilitar a localização de postagens correlatas ao tema. Foram excluídos, neste processo, porém, a coleta de informações

⁴ O recurso de busca avançada, no X, é um dos dispositivos aos quais a rede social viabiliza aos usuários, de modo segmentado, a procura por postagens realizadas em períodos anteriores. Dentre os recursos de refinamento da pesquisa estão espaços destinados à procura por palavras-chave, *hashtags*, e, de modo mais específico, datas; números de curtidas; reposts. Na seção “comentários”, pode-se localizar postagens onde haja interações a partir de um post original, o que propicia a localização de perfis sem vinculação à geração automática de conteúdos.

derivadas de contas automatizadas. Assim, pode-se estipular, ao processo de confiabilidade, critérios verificáveis, bem como replicáveis em outros estudos.

A estruturação de critérios desta natureza, com procedimentos metodológicos detalhados e precisos, viabiliza, dessa forma, categorias, a um só tempo, definidas e lógicas, de modo a refrear a proeminência de ímpetos subjetivos e ampliar recursos de avaliação da eficiência e da solidez no modo como este trabalho se constitui.

4.6 Ética da Pesquisa

Dentre os preceitos éticos que norteiam este trabalho, estão a garantia de anonimato aos perfis recolhidos nas redes sociais, de modo a preservar-lhes a privacidade, uma vez que estes são fundamentais para o procedimento de análise, no corpus da pesquisa. Nenhuma informação direta aos perfis mencionados será veiculada, para que os resultados encontrados tenham lisura, sem parcialidades, ou comprometimentos derivados de interesses alheios às mensagens e seus conteúdos, única e simplesmente.

5. ENTENDENDO O CANCELAMENTO DE KAROL CONKÁ NA REDE SOCIAL X

Para este capítulo, o trabalho se propõe à escolha e análise de conteúdo em quatro categorias observáveis no contexto de cancelamento dirigido à Karol Conká, baseado em comentários registrados na rede social digital X: **denúncia; apelo à punição; atos de repúdio e contrapontos**. Para isso, foi utilizado o recurso de busca avançada do X (*Twitter*), que possibilita o rastreamento dos *tweets* por meio de palavras-chaves, a partir de datas específicas. A seleção de *tweets* obedece aos requisitos anteriormente mencionados na seção *Metodologia*, levando em consideração, por exemplo, os picos de interações na rede social relacionados a episódios decisivos durante a permanência de Conká no BBB, como a discussão envolvendo Lucas Penteado (em 01 de fevereiro) e os desdobramentos decorrentes da eliminação da artista do programa (ocorrida em 23 de fevereiro).

As categorias escolhidas foram selecionadas de modo a mapear, tematicamente, assuntos em acordo às proposições definidas nos objetivos — específicos e geral — que norteiam este trabalho. Foram, portanto, escolhidos seis *tweets*, disponibilizados no estudo de modo a estarem alinhados com os critérios de precisão e concisão aqui definidos.

Sob os preceitos metodológicos em análise de conteúdo, propostos por Laurence Bardin (1977), segundo os quais se é possível identificar, através de signos e mensagens, as representações — e as estruturas que as cercam — passíveis de serem descritas ou inferidas, por meio de análise, os dados colhidos para esta investigação tornaram viáveis a avaliação das dinâmicas discursivas que envolveram a figura de Karol Conká. Ao possibilitar a categorização e a qualificação destas informações, tornou-se factível apreender alguns dos principais elementos vinculados à construção e compartilhamento de narrativas, em teor negativo, dirigidos à cantora e participante do *reality show*.

De modo a garantir a obtenção de robustez da análise, adotou-se a coleta sistemática de *tweets* publicados na plataforma X, em cujo recorte estivessem apenas postagens relacionadas à participação de Karol Conká no *Big Brother Brasil*.

Por conseguinte, estes mesmos dados seguem organizados em ordem cronológica, permitindo uma análise evolutiva das discussões em etapas diferentes do programa, no fim de janeiro, início e fim do mês de fevereiro (com exceção de um *tweet*, relacionado ao fim da participação de Karol Conká, publicado em abril) de 2021, a fim de ilustrar a escalada das reações negativas em torno de Karol Conká, bem como as diferentes formas de indignação, todas, por certo, situadas no domínio da cultura do cancelamento - em cada um dos *tweets* registrados.

Durante a análise categorial foram selecionadas algumas das principais classificações que auxiliaram a moldagem e a percepção pública sobre Karol Conká. Categorias como 'atos de repúdio' e 'apelo à punição' evidenciaram alguns dos elementos desencadeadores de percepções negativas em torno de Conká.

O processo de interpretação dos *tweets* coletados, por sua vez, permitiu identificar aspectos de contexto ulteriores às postagens, ou seja, em uma dimensão subtexto no qual as categorias escolhidas se manifestaram, revelando uma correlação entre os momentos de maior exposição de Karol Conká no programa e o aumento das críticas nas redes sociais. Essa relação demonstra a intensidade com a qual as redes sociais atingem a opinião pública e amplificam narrativas, sobretudo em caráter negativo.

A tabela a seguir representa o processo definido por Bardin (1977) como codificação, ou seja, a distribuição das categorias listadas a respeito dos *tweets*, envolvendo a participação de Karol Conká no BBB, e o cancelamento por ela sofrido. Estão distribuídas as seis postagens (identificadas como T1 a T6), as datas de publicação, além do número de comentários, repostagens e curtidas. A codificação, além de auxiliar a unidade interpretativa, para fins de análise de conteúdo, concede também coesão a um panorama delineado neste estudo, a cultura do cancelamento. Vejamos:

Tabela 1 - agrupamento e distribuição de dados referentes à coleta de tweets para a análise de conteúdo

Identificação	Trechos-chave	Categorias	Comentários	Retweets	Curtidas
T1	"O pai de Lucas Penteado foi internado. Karol Conká é repugnante, podre."	Denúncia	21	218	100
T2	"e ninguém lá dentro faz alguma coisa pra parar essa mulher, a produção precisa interferir no jogo SIM"	Apelo à punição	221	300	13.000
T3	"Eu cuspo na cara dela."	Ato de repúdio (sugestão de violência)	0	0	9

T4	"Comunicamos a decisão do Festival Rec-Beat de suspender a exibição do registro audiovisual da apresentação da artista Karol Conka".	Ato de repúdio (institucional)	269	1000	5000
T5	“ Que ao sair, ela aprenda e evolua”.	Contraponto	31	30	580
T6	A punição contra Karol Conká é só sobre a horrível e repugnante participação dela no BBB ou é racista misógino?”	Contraponto	23	71	1000

Cabe dizer que a estruturação dos dados acima é consonante ao tratamento descritivo, mencionado por Bardin (1977) como uma das etapas seminais do processo de avaliação das informações em análise de conteúdo. A partir do tratamento descritivo do material agrupado (neste caso, os *tweets* correspondentes ao cancelamento de Karol Conká na rede social X), deve-se haver um estabelecimento das unidades de registro, contidas em trechos ou estruturas centrais nos tweets (de T1 a T6), com os respectivos contextos e palavras-chave aos quais seus significados correspondem, a fim de garantir concordância ao aspecto norteador desta monografia: a análise temática da cultura do cancelamento envolvendo Karol Conká.

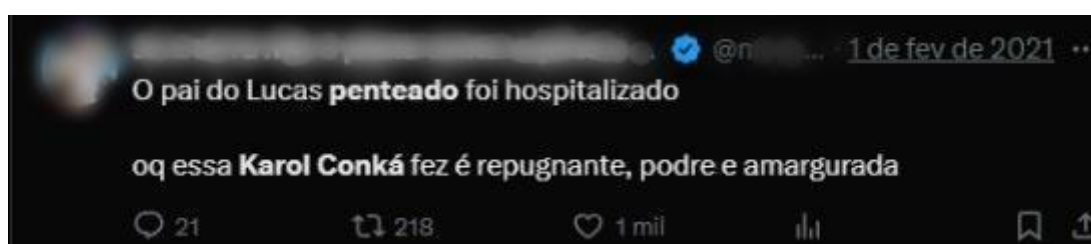
O estabelecimento das categorias com as quais cada um dos tweets selecionados é correspondente também é parte essencial do modo de aferição de informações, na análise de conteúdo. Para Bardin (1977), as categorias propiciam os recursos necessários à “significação constitutiva da mensagem”. A categorização, pois, é um dos métodos elementares para fixar critérios e “introduzir uma ordem” aos interlocutores.

No caso dos tweets enumerados neste capítulo, a introdução da categoria **denúncia** foi definida, em suma, para transpor linearidade cronológica dentre os fatos que concorreram para o cancelamento de Karol Conká no BBB. Mais: em análise de conteúdo, Bardin (1977) credita às “unidades de codificação” os critérios de referência, de modo que os analistas tenham sob domínio “o aspecto exato e bem limitado do corte”; um refinamento das características do objeto de análise.

As unidades de codificação, para a autora, se traduzem em frases, demarcadores de tempo, palavras, minúcias. Desse modo, o agrupamento dos seis tweets reunidos ao longo destes parágrafos, bem como as categorias às quais estes correspondem, situam-se como itens codificados cuja análise fornece, por fim, estruturas de explícito sentido.

Seguindo esta delimitação, o tweet a seguir apresenta uma colocação publicada no primeiro episódio em Conká, que, de um modo mais incisivo, esteve no centro de manifestações públicas contrárias ao seu comportamento no *reality show*:

Figura 9 - T1 relacionado à categoria denúncia, dentre os tweets colhidos em relação ao cancelamento envolvendo Karol Conká



Fonte: Plataforma X

O seguinte post (T1), publicado em 01 de fevereiro de 2021, sinaliza, por meio de seu emissor, a informação de que o pai do ator Lucas Penteado — participante do BBB e personagem central na celeuma com Conká — fora hospitalizado, o que, de acordo com informações do portal de notícias Extra (2021), ocorreu em decorrência do tratamento dirigido a Lucas, após ser ignorado e tacitamente apartado das relações de convívio entre os demais participantes do programa.

Apesar de a postagem se referir, primeiramente, à internação de um familiar de Penteado, a publicação não se furta em repassar indignação centralizada à pessoa de Karol, por meio de adjetivações duras, como “repugnante”, “podre”, “amargurada”.

A sugestão de sentido produzida por estas três palavras, no contexto a que pertencem, adicionam à característica denunciante da postagem — observável na indignação individual do emissor, e, àquela altura, também coletiva — uma textura agressiva. De modo a compreender a essência desta conotação, é salutar, como preconiza Bardin (1977), haver a contextualização como recurso central para conferir a “significação exata da unidade de registo”, assim como a aferição, ou avaliação, das nuances que circundam a análise de cada um dos significantes.

Na manhã de 01 de fevereiro de 2021, data da publicação de T1, pouco antes de Lucas Penteado e Karol Conká encontrarem-se em duas grandes discussões, outro participante do

programa, Nego Di, recusou-se a conversar com o ator, no que o Penteado, assentindo o silêncio de seu colega, exclamou: - errei muito!

Horas depois, como reportado pelo G1 (2021), Conká, no estopim de incômodos anteriores ocasionados pelo ator, o xingou e pediu para que ele deixasse a mesa durante o almoço. À noite, durante o Jogo da Discórdia⁵, mesmo com a discussão e troca de ofensas entre ambos, outros participantes também expuseram descontentamento com as ações de Penteado ao longo dos dias, como a participante Juliette, que o qualificou como “cancelador” de si mesmo.

A despeito da intensidade adquirida pelo desentendimento com Karol Conká, o isolamento de Penteado se deu também entre outros colegas de confinamento, por razões e contextos próprios, a exemplo da queixa da participante Kerline, que alegou incômodo e importunação diante de Lucas em uma festa ocorrida no fim de janeiro.

A veemência das colocações de Karol, porém, a puseram na condição de antagonista de Penteado, sobretudo nas redes sociais. Ainda em 01 de fevereiro daquele ano, o termo *#karolConkáExpulsa* foi um dos assuntos mais comentados no X, não só no Brasil como em todo o mundo, conforme a informação do F5 (2021), suplemento online da Folha de São Paulo com enfoque em entretenimento.

O direcionamento exclusivo à Karol, alvo dos xingamentos em T1, como agente unilateral do mal estar que aturdiu Lucas Penteado não apenas sinaliza em direção a uma estreiteza no horizonte de análises, em um contexto de convívios interpessoais complexos como um *reality show*, como vai de encontro à colocação de Duarte e Gonçalves (2023).

Para as autoras, a manifestação da ira, de modo desarrazoado, como observado no post T1, é parte de um processo no qual a alienação de informações ou dados corresponde a um contexto de acirramento narrativo nas redes sociais, no qual a omissão ou exclusão factual serve à defesa e ao escalonamento de tensões dos debates em ambiente virtual.

A recapitulação, portanto, do contexto no qual a data de veiculação de T1 se refere assinala ao tom de denúncia da postagem um enquadramento cronológico e circunstancial de ânimos aflorados em relação à Conká — centro dos principais assuntos brasileiros daquele dia —, de parcialidade manifesta, pouco ou nada atenta à complexidade do episódio e à possibilidade de ponderar excessos. Duarte e Gonçalves (2023), qualificam a indignação alheia à razoabilidade, nas redes sociais, como derivadas de movimentos nos quais os

⁵ Jogo da Discórdia é um dos quadros apresentados no Big Brother Brasil, exibido às segundas-feiras, ao vivo, com dinâmicas nas quais os participantes têm de ser transparentes quanto às situações incômodas ocorridas a cada semana no programa.

emissores, na esteira dos assuntos de grande proporção, colhem o seu quinhão de relevância — no caso do X, tudo isso associado a um grande número de comentários, curtidas e *reposts* das publicações — através de “reverberações que servem ao interesse” de conservar um debate impreciso e, na mesma medida, colérico. No caso de T1, as mais de duzentas reportagens e mil curtidas exemplificam o alcance das agressões à Conká naquela ocasião.

Feita a avaliação dos contextos e pormenores que circundam o *tweet* T1, as objeções deste trabalho se dirigem à postagem T2, veiculada no mesmo dia, 01 de fevereiro, em ocasião de similar euforia, na plataforma X, em relação à Conká, no BBB. A quadratura temática, no entanto, difere de T1, por tratar-se, enquanto categoria, de um “**apelo à punição**”:

Figura 10 - T2 cuja categoria de análise é “apelo à punição”



Fonte: Plataforma X

Diferentemente da categoria “denúncia”, em T1, na qual apenas se arma a insinuação, entre as frases, de que o comportamento de Karol Conká tenha propiciado complicações externas à dinâmica do BBB — ou seja, afetando a saúde de um familiar de Lucas Penteado —, em T2 vê-se uma colocação ativa, por meio de frases como “eu tô tão agoniado vendo os vídeos da Karol TORTURANDO o Lucas”, “ninguém lá dentro faz alguma coisa”, “a produção precisa interferir no jogo SIM!

A utilização do modo *caps lock* (recurso disponível em teclados, que ativa a forma aumentativa das letras) transpõe às ideias do emissor a ênfase, em princípio no que diz

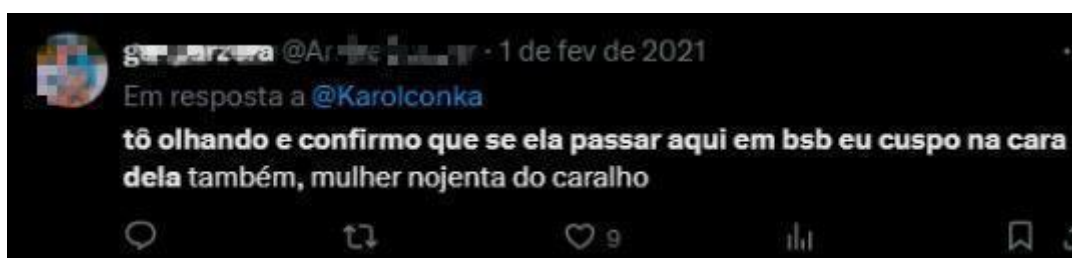
respeito ao uso da palavra tortura — neste caso, empregada não como sugestão, mas como ação concreta —, e, logo em seguida, um chamado à interdição do programa, por parte dos seus responsáveis, de modo a cessar o escalonamento de maldizeres entre Conká e Penteado.

O entendimento, exposto em T2, de ser necessária a mediação de agentes exteriores nos conflitos de 01 de fevereiro realça, a um só tempo, a impressão de um estado de coisas fora de controle, no programa, bem como expõe o sentimento de comoção de parte audiência — sobretudo em redes sociais, como o X — que, diante das polêmicas de Karol, avaliou como problemáticas e acima do bom senso as falas proferidas nas discussões do início da tarde (no episódio em que Lucas deixou a mesa sob exigência de Conká) e no horário da noite (durante a exibição do Jogo da Discórdia).

No entanto, a repercussão de T2, com 221 comentários, 3 mil replies e 13 mil curtidas, é o que deixa claro como o apelo à denúncia obteve ressonância entre os usuários do X, indicando, pois, como a revolta e a sanha por penalidades — fossem como fossem — compuseram dois dos principais elementos impulsionadores do cancelamento sofrido por Karol Conká na plataforma.

Em virtude disso, o estabelecimento da categoria “**atos de repúdio**”, a partir dos tweets T3 e T4, vem elencada a seguir, por tratar-se de um estágio no qual as unidades de contexto explicitam incitações à violência e às penalizações, como que em um desdobramento à flor da pele — e de flagrante agressividade — do mero apelo à punição.

Figura 11 - T3 em referência aos “atos de repúdio”, categoria em análise



Fonte: Plataforma X

A postagem T3, em comparação aos demais materiais codificados nesta análise, distingue-se por se tratar de um comentário em cima de uma publicação feita pelo perfil de Karol Conká na rede social X. Como unidade de sentido, nos termos da definição alcunhada por Bardin (1977), é patente, a partir das frases “cuspo na cara dela” e “mulher nojenta do caralho”, uma aposta na intolerância, através do uso de expressões que demarcam a incitação

à violência como modo de demonstrar repulsa à forma como Conká se portara em 01 de fevereiro de 2021, data do *tweet*.

Se o apelo à punição revela uma instância em que se faz necessária a ação de agentes externos para apaziguar o clima que se revelou hostil no BBB, o apelo à punição, neste caso, se desvela como um projeto de ação puramente individualizado, de desaprovação pessoal, à medida que se apresenta como uma forma de desacreditizar a subjetividade do outro, alardeando a violência como método de intervenção.

A agressividade, no espaço demarcado das palavras, é, no contexto da cultura do cancelamento, o trunfo de grassar sobre o outro a irresponsabilidade, como definido por Almeida (2001), endossando o silêncio e a opressão como recursos para “negar a existência”; inviabilizá-la, por fim.

Mesmo que a postagem T3, com zero comentários, zero repostagens e apenas nove curtidas tenha alcance diminuto em relação aos demais tweets catalogados, as unidades de registro (ou seja, cada uma das frases de ataque mais contundentes à Conká) dão a medida de como atos de repúdio podem escalar para posicionamentos extremos, nos quais a agressão seja um expediente: mais: que a centralidade dos conflitos encontrem em Karol Conká a sua personificação, isolando-a de como sujeito pertencente à realidade coletiva de um reality show; consagrando-a, de modo inequívoco, como a razão de todos os males.

Ainda na categoria “atos de repúdio”, a postagem T4 evidencia, por outro lado, um desdobramento institucional, na esteira da comoção gerada pelo cancelamento de Karol na plataforma X.

Figura 12 - T4 menciona o episódio de cancelamento da participação de Karol Conká no Rec-Beat



Fonte: Plataforma X

Como mencionado na seção Metodologia, o post T4 é o único tweet, dentre os materiais codificados, cuja vedação do nome, em atenção à privacidade, e, pois, aos procedimentos éticos em pesquisa científica, não foi realizada. Isto porque a exibição nominal do evento — um dos mais importantes encontros musicais do país, realizado em Recife — clarifica a intensidade com a qual os atos de repúdio se desdobraram, nos termos do cancelamento de Karol Conká.

Se em T3 as colocações de impacto violento do post expunham a cultura do cancelamento em sua forma mais veemente, de negação do outro, T4 exprime a formalidade do repúdio, não mais associado a simples e pura manifestação de um perfil do X, mas, sim, na qualidade de uma colocação de uma entidade formalizada, na principal área de atuação de Conká: a música.

Paz, Reis e Moço (2022) mencionam como eixos concernentes à cultura do cancelamento um cenário de perdas iminentes, sobretudo nos casos em que o alvo do

cancelamento goza de prestígio e reconhecimento público. Neste cenário, a perda de “emprego, patrocínios”, contratos, dentre outros dispositivos próprios do *business* artístico se esvaem, dificultando — principalmente no caso de Karol — a efetiva realização do fazer artístico sem as máculas de punições em diversos níveis.

O fim da apresentação no festival Rec-Beat foi apenas uma etapa nas sucessivas perdas publicitárias da artista: além do rompimento de contrato com o canal pago da rede Globo, GNT, mencionado anteriormente nesta monografia, mais de R\$5 milhões foram anunciados em prejuízos à carreira de Karol.

Conforme reportado pelo site Forbes (2021), o resultado da quantia leva em consideração o valor de publicações patrocinadas nas postagens da artista — avaliados em R\$ 48 mil —, decrescidos com a perda de seguidores, e o valor dos cachês da rapper, àquela altura, orçados em R\$ 150 mil. A perda de ambos — contratos em redes sociais e shows cancelados — resultou no valor final anunciado na publicação.

A debacle financeira e profissional de Karol Conká, em última análise, é efeito que não pode ser apartado da proeminência com a qual os atos de repúdio ao redor de seu cancelamento ganharam força. Em T4, vê-se 265 comentários, 1 mil repostagens e 5 mil curtidas, cuja profusão e intensidade de interações denotam não apenas a relevância do perfil do festival na plataforma X, mas os efeitos do cancelamento potencializados, virtualmente, lastreando a reprovação moral como um dos sustentáculos da cultura do cancelamento que, nas palavras de Matias (2022), representa “um sentimento de ódio de um grupo”, que traz coragem a quem o faz conforme a potência de sua difusão.

Se o cancelamento, como atitude, é, até agora, um dado constante da análise de conteúdo feita neste trabalho, os materiais e agrupados na categorização exposta na **tabela 1**, em observância à colocação de Bardin (1977), preza que os critérios utilizados para a composição de categorias esteja “adaptado à realidade que se nos oferece”.

Desse modo, ao empregar cada uma das unidades de sentido aqui expostas, a menção ao “**contraponto**” surge como o lado crítico e divergente dos meios métodos da cultura do cancelamento, sendo, assim como a própria vida, uma contraface; a ponderação que, mesmo diminuta, não se foi esquecida no caso Karol Conká.

Figura 13 - T5, na categoria contraponto



Fonte: Plataforma X

Figura 14 - T6, igualmente na categoria contraponto



Fonte: Plataforma X

Os tweets foram alocados de maneira conjunta por se tratarem de posições precisamente contrárias ao cancelamento sofrido por Karol Conká, ressaltando aspectos que fugiram à lógica fugaz e brusca das redes sociais. Na postagem T5, o emissor se refere à importância do olhar humano à vítima, Karol, em declarações como “não devemos atacá-la” e “o jogo acaba”. Também há similaridade entre os tweets T5 e T6 a partir do período de publicação, ambas vindo à tona ao fim da participação da artista no programa.

No caso de T5, o post foi veiculado no exato dia de eliminação de Karol, 23 de fevereiro. A ocasião, muito celebrada nas redes sociais e repercutida em números expressivos — 10 mil posts por minuto, na plataforma X, e 99,17% de votos na eliminação, um recorde — muito embora viesse a consagrar Conká com a punição, no âmbito do BBB, definitiva (a eliminação) trouxe questionamentos quanto a hora de ponderar sobre o cancelamento pós-jogo.

A Rede Globo, de acordo com a matéria do Splash, suplemento da UOL, preocupou-se em evitar que Karol Conká fosse alvo de pressões ou ataques, levando-a aos principais programas de grande repercussão da emissora, como o “Domingão do Faustão” (hoje extinto) e o “Fantástico”. Na data da eliminação, a artista também não foi informada, ao vivo, de sua porcentagem como eliminada, a fim de evitar desconfortos.

Em acordo com a preocupação da emissora responsável pelo Big Brother Brasil, o tweet T5 também manifesta, dentre as suas unidades de registro, a preocupação em pontuar como, apesar dos erros, o banimento não se sobreponha à possibilidade que Karol, ao deixar a atração, pudesse ser melhor. “Aprenda e evolua”, como ficou dito no tweet, com 31 comentários, 20 repostagens e 580 curtidas.

O post T6 — dividido em dois blocos com duas postagens, com sentido complementar, em formato de thread — apesar de ser um comentário publicado de modo um pouco mais tardio, em 30 de abril, ainda se situa em uma etapa cronológica a partir da saída de Karol Conká, e exhibe, dentre suas unidades de registro, ponderações sobre os erros da participante; não os desconsiderando como fatores capazes de gerar animosidade.

O emissor, por outro lado, traz à tona as possíveis diferenças de tratamento no cancelamento que se abateu sobre Karol. Se o cancelamento, na descrição de Matias (2022), representa o encontro do mal-estar social, potencializado por “informações envenenadas”, seria de se preocupar quanto ao modo que estas mesmas informações podem adquirir novo sentido em um contexto no qual, diz o emissor do tweet, o Brasil, social e politicamente é capaz de “massacrar mulheres negras diariamente”.

De forma complementar a esta colocação, Bardin (1977) trata por inferência a etapa de investigação na qual “o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula”, podendo assim realizar inferências que, no processo de análise de conteúdo, mais do que a mera descrição factual, haja a aferição dos dados e o que estes possam indicar para que sejam corretamente interpretados.

A inferência, ou hipótese, de agravamento do cancelamento de Conká por razões relacionadas aos fato de ela ser uma mulher negra em um país com histórico acentuado de violências às mulheres e aos negros, é sugestão que transcende o tweet T6 e se materializa no tópico final desta monografia, dedicado à questão racial.

6 O RACISMO À ESPREITA

A consequência do modo feérico como os acontecimentos, no Big Brother Brasil, relacionados à Karol Conká, atingiu a audiência, resultou em distratos e vigorosas manifestações públicas, no domínio das redes sociais. A seção **Entendendo o Cancelamento de Karol Conká na Plataforma X** desta monografia, mapeia, a partir de seis *tweets*, algumas das reações provocadas pelos desentendimentos da artista no programa, ilustrando as muitas formas de expressão do cancelamento, mas, em particular, o modo como as práticas associadas ao interesse em cancelar podem ser desoladoras, indicando sentimentos transversais à simples indignação que gera o ímpeto para cancelar.

Como mencionado brevemente no capítulo anterior, a inferência é uma das etapas descritas por Bardin (1977) como cruciais ao processo de investigação analítica dos materiais codificados e encaminhados para análise. Neste estágio, pode-se, como afirma a autora, mensurar, por exemplo, as consequências de um enunciado, bem como as motivações que o levaram a ser proferido.

Em ambos os casos, mas, em particular, no que diz respeito às consequências de um enunciado, pôde-se aferir, na análise de conteúdo realizada no capítulo anterior, que o boicote à Karol Conká se propunha excessivo, longe de qualquer diferenciação entre o que houve no reality show e a vida cotidiana da rapper, de esfera privada.

Acossada pelo estigma da rejeição, sob a queixa de adotar comportamentos agressivos, por vezes violentos, um viés de inferência sobressalta à análise: pode-se haver, nas entrelinhas do repúdio e da desproporcionalidade do público, na rede social X, quanto ao cancelamento de Conká, um sintoma do racismo estrutural presente na sociedade brasileira.

Define-se por racismo estrutural, a colocação de Almeida (2019) segundo a qual o racismo, em quaisquer maneiras, compõe, invariavelmente, a estrutura das relações sociais, sobretudo nas áreas “econômica e política”. Desse modo, as práticas racistas não são alheias, ou anômalas, às dinâmicas coletivas, mas são, segundo o autor, “o sentido, a lógica e a tecnologia” com as quais as injustiças são perpetradas no cotidiano.

Na realidade brasileira, não há como apartar a discussão racial da constituição socioeconômica do país, uma vez que, sob o período da escravidão, como regime econômico, entre os séculos XVI a XIX, as “funções simbólicas”, nos termos raciais, entre negros e brancos, ocupavam sentidos distintos, nas palavras de Souza (1983), de segmentação — com negros em situação de abusos e maior vulnerabilidade — e estima — maior aos brancos, em condição social de inferiorização dos negros.

A transição entre modelos econômicos — de um período colonial, imperial, com uso de

mão de obra escravizada, até a inserção do capitalismo como forma principal das relações sociais e de trabalho — não apartou o negro da ótica de servilidade, pelo contrário. Ainda segue em curso, segundo Carneiro (2023), a necessidade de recusa à “subalternização dos negros e a superioridade dos brancos”, ainda que os status legais; os dispositivos jurídicos, como a Consituição Federal Brasileira de 1988, apregoem a isonomia e a igualdade como direitos fundamentais, inalienáveis, imunes à discrepâncias raciais.

Não há como distanciar, pois, a situação do cancelamento de Conká, na rede social X, do racismo que se escora nos meandros da configuração social brasileira, não apenas pelo mero fator racial — já suficientemente capaz de produzir desigualdades de avaliação — mas somado à questão de gênero: Karol, uma mulher negra, no centro das discussões, em um programa de vasta audiência na televisão brasileira, é capaz de gerar dupla desconfiança.

Na condição de mulher e negra, interpõem-se sobre Conká a síntese das condições de opressão racial e de gênero, definida como interseccionalidade. À luz da conceituação de Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade, para Carla Akotirene, pode ser definida como o modo analítico no qual se é possível investigar “a forma com que as mulheres negras sofrem a discriminação de gênero” (AKOTIRENE, 2019, p.38).

O ser negro, inserido, pois, nesta estrutura de aviltamentos que se amplifica ante às condições de gênero, se encontra, como dito por Carneiro (2023), em um estado de interdições, resultantes em um cerceamento — enquanto ser humano, no domínio de suas experiências subjetivas — a nível “moral, político, congnovente”, isto é, de incapacidades ou descredibilizações em âmbitos diversos.

No caso Conká, tanto o pedido de desculpas feito pela artista ao desafeto de ocasião, Lucas Penteado, noticiado pelo portal de notícias F5, como um sinal de trégua às desavenças veiculadas em 01 de fevereiro — cujos efeitos ocasionaram um onda de reações no X —, ou, ainda, o fato de as discussões de Penteado incomodarem e atingirem também outros participantes do programa, não pareceram destituir Karol do centro de todas polêmicas.

Figura 15 - Notícia sobre o pedido de desculpas de Conká para Lucas Penteado

BBB 21: Pedido de desculpas de Karol Conká a Lucas gera desconfiança de internautas

Cantora mudou após voltar do confessionário



Fonte: F5 (Folha de São Paulo)

Almeida (2019) menciona, dentre os estereótipos que constituem velhos estigmas raciais, a cantilena de que negros são violentos e inconfiáveis. A colocação pode ser imediatamente associada ao fato de haver dúvidas quanto às intenções de Karol em se redimir, após um episódio de excessos. Como se os arroubos de temperamento que lhe escaparam, em falas duras a Lucas, não fossem motivadas por ocasiões nas quais as emoções escalaram, mas sim como se a raiva e o destempero lhes fossem inatos; uma condição de caráter.

Na análise de conteúdo dos tweets, realizada no capítulo anterior, a postagem T2, por exemplo, não se furta em definir a discussão entre Lucas Penteado e Karol Conká como “tortura psicológica”, definitivamente.

Muito embora os ânimos, nas redes sociais, estivessem acalorados, na data do post, e a cenografia do embate (não nos esqueçamos, o reality show, é, como descrito em minúcias na seção **Reality Shows e a Participação de Karol Conká no Big Brother Brasil**, em essência, um simulacro de realidade sob o filtro audiovisual) potencializasse, através do tratamento técnico do programa, o efeito do ocorrido, não houve ponderação quanto ao que acontecera, por parte do emissor da mensagem.

Ainda que, como brevemente sentenciam Hooks (2023), haja, de forma incontestável, a potência dos recursos de mídia em “distorcer a realidade”, não houve, em T2, só a sugestão de tortura psicológica, por parte de Karol; o que acontecera era a própria tortura, sem que houvesse dúvidas. A imputação de tal gravidade desloca o efeito das ações de Conká a um patamar de gravidade, inconsequência e desnatureza, especialmente se situado em um

contexto no qual a sociedade, como descrito por Souza (1983), sentencia o indivíduo negro a uma instância redutora de existência.

A autora, ao mencionar aos signos com os quais os brancos, no Brasil, se reportam aos negros, elenca adjetivos como “o irracional, o feio, o ruim [...]” à essência do que é ser negro, em uma percepção racista. Seriam essas características, segundo ela, a “linearidade negra”; a formação basilar, em uma imaginário de hierarquias regidas por preconceitos raciais e de classes, dos negros como sujeitos, na realidade coletiva; desconsiderando saberes, formações ancestrais, e, mesmo, as formas diversas de ação e pensamento corriqueiras, proeminentemente humanas.

Por essa razão, tanto as dúvidas quanto às desculpas de Karol Conká a definição sumária de tortura psicológica, em T2, principiam a reflexão sobre o cancelamento, neste caso em lugar de desfuncionalidade e corroboração com alas que tangenciam o racismo.

A visibilidade Karol, como mulher e negra; a agilidade e a veemência da condenação pública de indivíduos e o desequilíbrio das relações raciais brasileiras suscitam, em torno de uma análise do episódio, a sensibilidade para apreender como cada um desses elementos pôde contribuir com o descrédito e a fratura no processo de consolidação da carreira da artista, que, mesmo quatro anos após o ocorrido, não retomou os níveis anteriores à exibição do Big Brother Brasil 21.

Isto porque, segundo Matias (2022) o processo de um cancelamento turva os limites entre as ações decorridas no espaço cibernético e a própria realidade, de modo que ambos se imiscuem, em boa parte dos casos. É o que, de certo modo, propicia que ainda hoje a carreira de Conká seja alcançada por resíduos do clima que instalou sobre a sua performance do BBB.

Somam-se ainda às intempéries do cancelamento sofrido por Karol a subjugação como negra. Se o cancelamento é, nas palavras de Silva (2021), o esconjuro público; a intenção de demover, por meio do banimento, a cisma; o gesto desaprovado, o efeito do cancelamento na realidade negra brasileira torna-se aterrador; sob as condições, especialmente sociais e políticas, vigentes, de opressão e violências.

Carneiro (2023) reporta-se à exclusão como um dos principais expedientes observados no modo como negros e negras são economicamente afetados, politicamente desassistidos e socialmente observados, a partir do conceito de dispositivo de racialidade.

O dispositivo de racialidade, diz a autora, se refere a um modo de apreensão das diferenças raciais, em observância ao fato de a evocação positiva de as pessoas brancas sobre si próprias — e da própria estrutura social dotar de privilégios o ser branco — dar-se mediante à negação do outro; o negro.

A negação, elementar no cancelamento, ganha, por isso, um sentido maior quando transferido aos indivíduos negros. Se cancelar pressupõe, para Silva (2021) o apagamento, a fim de “excluir a pessoa exposta”, por ocasião de falas, manifestos e colocações, a negação do outro, o negro, avoluma a carga de efeitos que se possa presumir destas atitudes.

Atenta às dificuldades advindas de ser deslegitimar o outro; neste caso o outro enquanto indivíduo negro, Carneiro (2023) estabelece como um dos principais mecanismos deste processo o deslocamento de negros e negras — uma vez em suspeição quanto às suas subjetividades — a um limite no qual a “humanidade plena e a animalidade” pareçam corresponder a uma zona híbrida, em que o ser negro, à margem, seja sinônimo de um monstro.

Um monstro, diz ela, nos termos usuais empregados em gêneros como a ficção: heterogêneo, ao passo que fascina e assusta. Ao referir-se ao monstro, Carneiro (2023) demora-se descrevendo a percepção racista que se abate em torno de homens negros e mulheres negras, vistos como “manifestação de incompletude humana”, mas também avalia que, sendo negros e negras, vistos como formas humanas degradadas — sobretudo em caráter — é necessário “consertá-los”.

Às supostas deformidades de índole do sujeito negro, explica a autora, se desvelam na crença em uma “irregularidade” do negro como “a sua regularidade”; necessitando, por isso, o caráter de homens e mulheres, negros e negras, estarem sob tutela e descrédito, como prevenção.

A observação de Carneiro (2023) vai de encontro a alguns dos acontecimentos enumerados nesta monografia, com os quais Conká lidou durante o cancelamento: as desculpas em xeque pela audiência; os tweets com adjetivações duras como “repugnante”, “podre”, “nojenta”, em categorias como “denúncia” e “apelo à punição”, mencionadas na análise de conteúdo.

O cancelamento de Karol, desse modo, se intersecciona às leituras sobre a disparidade racial e o modo como os negros são tratados no Brasil. Da inferência, pode-se passar à impressão aclarada de que não há como dividir o gesto “cancelador” da artista de uma um contexto social sensível, de vilipêndios, violências e abusos raciais.

Em especial porque, no que tange às cismas e suspeitas que atingiram a artista, encontra-se não apenas o descrédito em função de falas impensadas, porque há uma conjuntura que, além de pressionar, operam, historicamente, como pontuado por Carneiro (2023) em favor da ‘suspeição e incorrigibilidade’.

A falta de confiança, acompanhada da punição como pretexto à índole supostamente fugaz dos negros, é, nos termos definidos pela autora, duas das unidades constitutivas do processo de negação do outro e da sua imediata ação corretiva. Desse modo, negros e negras, lidos como irracionais e intempestivos têm o agravante de constar, a cor escura da pele, “uma espécie de prova, marca ou sinal que justifica essa presunção de culpa”.

Portanto, Conká, na dupla ação dos preconceitos cuja força no Brasil não se pode negar — em função de seu gênero e aspecto —, viu recair sobre si mais do que os desentendimentos que comprometeram a sua performance como postulante ao sonho milionário do BBB.

Sobre si, houve à espreita do racismo, que, na definição de Oliveira e Kubiak (2019), não precisa ser explicitado para ser violento e desigual, visto que o racismo maior se engendra no modo como a estrutura social reserva tratamentos diferentes para pessoas diferentes. No Caso Karol Conká, mais do que diferenças de tratamento, fica demonstrado, em sutilezas e não-ditos; na força das redes sociais e na intensidade da rejeição — materializada em 99,17%, a maior do formato em qualquer tempo e em qualquer país do mundo — resquícios do modo perene como negros e negras são julgados, invalidados e excluídos, no Brasil. Muito além das câmeras. Na dureza do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa, houve, como princípio norteador, a busca por um entendimento dos significados atribuídos pelos internautas do X à cultura do cancelamento, considerando a participação da cantora Karol Conká no BBB 21. Através de uma abordagem qualitativa, foram selecionados tuítes que permitiram uma abordagem reflexiva sobre as várias dimensões que o caso envolveu.

O cancelamento, como observado ao longo destas linhas que escrevi, parece-me a total dimensão do desvario, quando as intenções por detrás daqueles que cancelam se distanciam da origem do fenômeno: ação contestatória, para chamar a atenção de indivíduos, grupos e instituições que estejam em par com interesses discriminatórios, mantenedoras das muitas desigualdades que já se abatem sobre o mundo.

No caso de Karol Conká, o que se exibiu — e calou fundo em mim — foi, como mencionado no capítulo **Um Racismo à Espreita**, a deflagração de ações atentatórias à capacidade de os homens negros e mulheres negras brasileiros verem-se finalmente livres dos velhos vícios e estigmas preconceituosas.

A condição de mulher e negra de Conká — cuja relação pode ser definida como uma área de interseccionalidade racial e de gênero — algumas dessas adjetivações maledicentes seguem utilizadas, de modo corriqueiro, para reduzir a humanidade luminosa de ser mulher e negra: “suja”, “baixa”, “barraqueira”, “mal educada”.

Algumas dessas colocações, supramencionadas, serviram também às ações de rebaixamento público de Conká; destacando incômodos atávicos à presença feminina e negra — mas, sobretudo negra — no front; no centro da tela. A mentalidade racista medida na exibição do ser negro apenas o entretenimento; o show.

No caso da mulher, apenas a servilidade do corpo em apreciação, destituído de gesto abaixo da lascívia, o que é inadmissível, se o país que queiramos erigir — e que acredito alçar seu destino mais belo —, há que se ver a postos com um pouco mais de dignidade e abertura de espaços.

Ainda que me seja mais caro, como cidadão, o debate racial que instala nos meandros da discussão sobre a cultura do cancelamento, não se é possível ignorar as implicações políticas que o tema traz. O cancelamento se assemelha, em modo de operação, como se viu ao longo do trabalho, às muitas práticas, em modalidade virtual, que incendeiam o cenário político em todo o mundo. A negação do outro e o achincalhe virtual são duas das faces mais protuberantes destas similaridades.

A partir disso, parece-me desejável, ao fim deste trabalho, ao menos crer em módulos de apaziguamento às tensões produzidas nas redes sociais. A regulação das redes, pelos dispositivos políticos, como o parlamento e a sociedade civil, por exemplo, corresponde a uma dessas etapas desejáveis para organização e filtragem dos muitos males, desvarios e violências propagados à plenitude em ambiente cibernético.

Minhas considerações finais meditam sobre a esperança, tímida, de que este trabalho, ao pinçar a insensatez contraditória da cultura do cancelamento, discuta parte dos muitos desafios para se ter uma existência como cidadão negro no país. Em particular, uma existência pública que resista aos maus tratos de (quase) sempre, como o que se viu no caso Karol Conká.

É uma missão singela. Acho que se cumpriu. E eu agradeço, agora, por poder falar exatamente como eu quero. Sou eu. Aqui, sou eu, em cada linha. E meus muitos anos, até que, enfim, constatasse que agora acabou.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. A cultura do “cancelamento” é a antipolítica por excelência. **Disparada**. [S. l], Cultura, 2020.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais, 2019.
- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Polen - Coleção Feminismos Plurais, 2019.
- AZEVEDO, F. P. Sob o céu de junho: movimentos juvenis e crise da política nas manifestações de 2013. **Juventude.br**. São Paulo, n. 16, pp. 14-20, 2018.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo, Edições 70, 1977.
- BBB 21: Final que consagrou Juliette teve melhor audiência em 11 anos. Folha de São Paulo. São Paulo, F5, 2021. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb21/2021/05/bbb-21-final-que-consagrou-juliette-teve-melhor-audiencia-em-11-anos.shtml>. Acesso em: 14 abril 2025.
- BBB21: Pai de Lucas Penteado passa a noite no hospital após polêmicas envolvendo filho. Portal Extra. Rio de Janeiro, Tv e Lazer, 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/bbb/bbb21-pai-de-lucas-penteado-passa-noite-no-hospital-a-pos-polemicas-envolvendo-filho-24865317.html>. Acesso: em 02 jul 2025
- BBB21: Entenda briga entre Karol Conká e Lucas Penteado que dominou primeira semana. Portal G1. Rio de Janeiro, Pop e Arte, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/02/03/bbb21-entenda-briga-entre-karol-conka-e-lucas-penteado-que-dominou-primeira-semana.ghtml>. Acesso em 02 jul 2025
- BBB21: fãs pedem expulsão de Karol Conká e apontam tortura psicológica contra Lucas. Folha de São Paulo. São Paulo, F5, 2021. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb21/2021/02/bbb-21-fas-pedem-expulsao-de-karol-conka-e-apontam-tortura-psicologica-contra-lucas.shtml>. Acesso em: 02 jul 2025
- BERGAMO, M. Eliminação de Karol Conká gerou 10 mil tweets em um minuto no twitter. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Opinião, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/02/eliminacao-de-karol-conka-gerou-10-mil-posts-em-um-minuto-no-twitter.shtml>. Acesso em: 14 abril 2025
- BLOQUEIO do X no Brasil custa milhões de usuários a Musk, mas afeta pouco a receita dos negócios. **O Globo**. Rio de Janeiro, Economia e Negócios, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2024/09/05/bloqueio-do-x-no-brasil-custa-milhoes-de-usuarios-a-musk-mas-afeta-pouco-a-receita-dos-negocios.ghtml>. Acesso em: 19 abril 2025.
- BUNZ, M. Has Twitter reached its peak? **The Guardian**. Manchester, 2010. Disponível em <https://www.theguardian.com/media/pda/2010/mar/12/twitter-growth>. Acesso em: 14 abril 2025.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CORREA, B. BBB 21: Reality supera 1 bilhão de interações no Facebook e Instagram. **Estadão**. São Paulo, Notícia TV, 2021. Disponível em: https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-21-reality-supera-1-bilhao-de-interacoes-no-facebook-e-instagram/?srsltid=AfmBOoq3X7kSqMUqxMUDvmE_HBoIA0NyvR03JM9Zyr8wUP2vDvYksS-m. Acesso em 13 abril 2025.

DUARTE, G. A; GONÇALVES, L. O Homem Social nas Redes Sociais: um estudo de caso sobre a cultura do cancelamento. **Observatório de La Economia Latinoamericana**. Curitiba, v. 21, n.3, 2023

ELEIÇÃO no Irã foi a notícia mais popular do Twitter em 2009. **Portal Uol**. São Paulo, Notícias, 2009. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2009/12/16/eleicao-no-ira-foi-noticia-mais-popular-do-twitter-em-2009.htm>. Acesso em 13 abril 2025.

ENTENDA em 5 pontos a decisão de Moraes de bloquear o X e o que acontece agora. **Portal G1**. Brasília, Política, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/08/31/entenda-em-5-pontos-a-decisao-de-moraes-d-e-bloquear-o-x-e-o-que-acontece-agora.ghtml>. Acesso em 14 abril 2025.

FIGURINISTA acusa José Meyer de assédio sexual; ator nega. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Cotidiano, 2017.

HOOKS, B. Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas. São Paulo: Elefante, 2023.

KAROL CONKÁ ganha seguidores no instagram e resgata número antes de anúncio como participante do “BBB 21”. **Portal G1**. São Paulo, Pop e Arte, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/02/25/karol-conka-ganha-seguidores-no-instagram-e-resgata-numero-de-antes-de-anuncio-como-participante-do-bbb21.ghtml>. Acesso em : 19 abril 2025.

KAROL CONKÁ pode perder até R\$ 5 milhões com polêmica no ‘Big Brother Brasil’. **Forbes**, Forbes Money, 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/02/karol-conka-pode-perder-ate-r-5-milhoes-com-polêmica-no-big-brother-brasil/>. Acesso em 03 jul 2025.

LAGO, M. Derrubem as estátuas: quem reclama da “cultura do cancelamento” está cego para a cultura do outro. **Revista Piauí**. Rio de Janeiro, edição 168, 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/derrubem-as-estatuas/> Acesso em: 13 abril 2025

LIMA, F. Ombudsman: A cultura do Cancelamento. **Folha de São Paulo**. São Paulo, **Opinião**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2020/08/a-cultura-do-cancelamento.shtml>. Acesso 14 abril 2025.

LEVY, D. P. C., GOMES JUNIOR, J. S. Tendências investigativas sobre o Twitter no Brasil. **Contemporânea**. Rio de Janeiro, n. 21, ano 11, v. 1, 2013.

MAIA, L. BBB: perfil contra Karol Conká ultrapassa o número de seguidores da rapper. **Veja Rio**. Rio de Janeiro, Beira-Mar, 2021. Disponível em https://vejario.abril.com.br/beira-mar/bbb-perfil-contrakarol-conka-ultrapassa/#google_vignette. Acesso em: 20 abril 2025

MATIAS, S. K. S. O discurso de ódio e a cultura do cancelamento nas redes sociais sob a perspectiva política. 2022. In: MORAES, M; PIMENTA, G. (org.). **Comunicação Governamental e Marketing Político: contexto em análise**. Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), Brasília, 2022.

OLIVEIRA, B. M. C; KUBIAC, F. Racismo Institucional e a saúde da mulher negra: uma análise científica brasileira. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro v. 43, n. 122, 2019.

PALÁCIO, F. BBB, que completa 20 anos, é o mundo neoliberal tirando selfie. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Ilustríssima, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/03/bbb-que-completa-20-anos-e-o-mundo-neoliberal-tirando-selfie.shtml>. Acesso em 20 abril 2025

PAZ, R. D., REIS, A. A., MOÇO, C. M. N. A “cultura do cancelamento” nas redes sociais: como o fenômeno do “cancelamento” interfere na construção da personalidade da pessoa “cancelada”. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 8, n. 9, 2022

PEREIRA, C, S. *et al.* A sombra social na cultura do cancelamento: uma análise de a partir do BBB 21. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 46, 2023.

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, D. M.; FIRMINO, F.(Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. , p. 1-269.

RECUERO, R. ZAGO, G. A economia dos retweet: Difusão de informações e Capital Social no Twitter. **Contratempo**. Niterói, v. 24, n. 1, pp. 19-43, 2012.

RECUERO, R. ZAGO, G. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**. São Paulo, v. 12, n.24, pp. 81-94, 2009.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras**: vol 16, p.1, 2014

RIBEIRO, D. A facilidade com que se cancela pessoas negras deveria ser crime. **Marie Claire**. São Paulo, 2020.

ROCHA, D. B. Reality TV e Reality Show: ficção e realidade na televisão. **E-Compós**. Brasília, v. 12, n.3, 2009.

SANTOS, R. E. O show dos reality shows. **Intercom**. São Paulo, v. 30, n.2, 2007.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo, Hacker Editores, 2001.

SILVA, A. F. Cultura do cancelamento: cancelar para mudar? Eis a questão. **RAIN**, Mar del Plata, vol. 1, n.1, pp. 93-107, 2021.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TUZZO, S. A. LINHARES, R. N. Os reality shows e a quebra dos marcadores espaço-temporais na comunicação social. **Comunicação e Informação**. v. 12, n.1, pp 66-77, 2009.

ZAGO, G. S. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. **Interin**. Curitiba, vol. 9, n. 1, pp. 1-12, 2010

ZAGO, G. S. RECUERO, R. C. BASTOS, M. T. Quem Retuita Quem? Papeis de ativistas, celebridades e imprensa durante os #protestosbr no Twitter. **Observatório**. [S.l], v. 3, n. 3, 2015.